

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Queila Érica Taligliatti de Souza

Interações sociais e profissionais entre professores surdos e a comunidade escolar

Juiz de Fora

2024

Queila Érica Taligliatti de Souza

Interações sociais e profissionais entre professores surdos e a comunidade escolar

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Orientadora: Dra. Mylene Cristina Santiago

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Souza, Queila Érica Taligliatti de .

Interações sociais e profissionais entre professores surdos e a comunidade escolar / Queila Érica Taligliatti de Souza. -- 2024.
106 p.

Orientador: Mylene Cristina Santiago
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Docentes Surdos. 2. Relações Sociais. 3. Interseccionalidade; Estigma. 4. História de Vida . 5. Libras. I. Santiago, Mylene Cristina, orient. II. Título.

Queila Érica Taligliatti de Souza

Interações sociais e profissionais entre professores Surdos e a comunidade escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre/a em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 27 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Mylene Cristina Santiago - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Carla Couto de Paula Silvério
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Tiago Ribeiro da Silva
Instituto Nacional de Educação de Surdos

Juiz de Fora, 23/01/2024.



Documento assinado eletronicamente por Mylene Cristina Santiago, Professor(a), em 27/02/2024, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Carla Couto de Paula Silvério, Professor(a), em 29/02/2024, às 20:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Tiago Ribeiro da Silva, Usuário Externo, em 06/03/2024, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-UJff (www2.ujff.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1675634 e o código CRC 95B28328.

DEDICATÓRIA

Aos docentes Surdos que participaram desta pesquisa, proporcionando-me escrever sobre as
suas experiências no contexto educacional.

Ao meu pequeno João Pedro, que em breve chegará ao mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, que sempre está comigo, por ter me dado sabedoria para a conclusão desse trabalho com amor, carinho e respeito.

Ao meu esposo Filipe, pelo companheirismo, amor, apoio e os diversos conselhos ao longo desta jornada.

À minha família pelo apoio e carinho, em especial ao meu irmão José Wellington, que sempre acreditou em mim, orientando-me e me apoiando sempre, compartilhando comigo a sua percepção fantástica sobre as Ciências Sociais.

À minha querida professora Mylene Cristina Santiago, que me orientou nesse processo com muito carinho, incentivo e paciência, impulsionando-me a crescer e me inspirando com seu trabalho.

Aos meus amigos que também me incentivaram a ingressar nesta jornada: Simoni Tedesco, que esteve comigo todo esse tempo, agradeço pelas nossas trocas sobre a pesquisa e pelo companheirismo na vida. Rodrigo Ribeiro Nascimento, que me incentivou, mostrando-me que eu poderia alcançar os meus objetivos. Professor Neil Franco Pereira de Almeida, por acreditar em mim e por todas as orientações para que eu pudesse chegar aqui.

Aos membros da banca, os professores Carla Couto de Paula Silvério, Katiúscia Cristina Vargas Antunes e Tiago Ribeiro da Silva, que são inspiração para mim e para minha pesquisa, por toda a orientação.

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes (Freire, 2000, p. 33).

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar, através das narrativas dos docentes Surdos, como ocorrem as interações com a comunidade escolar no contexto educacional. Docentes Surdos ocupam um espaço que até então não era destinado a eles, vistos socialmente na condição de pessoas com deficiência que não devem adentrar certos espaços, como a docência. Entretanto, a rede municipal de Juiz de Fora conta com a presença de docentes Surdos, contratados para o ensino de Libras, Língua Brasileira de Sinais. Diante dessa realidade, surgiram as questões da pesquisa, que foram respondidas através da metodologia de História de Vida, tendo entrevistas realizadas com quatro participantes que narraram suas experiências de vida no contexto escolar sem que o pesquisador influenciasse com questões estruturadas. Os dados coletados foram analisados de acordo com as temáticas apresentadas nas entrevistas e refletidas com apoio do referencial teórico da pesquisa. Assim sendo, concluímos que algumas das relações sociais e profissionais dos docentes Surdos são marcadas pelo ouvintismo e pelo capacitismo. Entretanto, apesar de alguns participantes afirmarem que se sentem incluídos nos espaços em que atuam, não podemos afirmar que o ouvintismo não esteja presente em todos os espaços nos quais os Surdos atuam, pois ele é estrutural e ainda há um grande processo para a sua eliminação. Tais diferenças foram identificadas através dos perfis das instituições apresentados pelos próprios participantes, sendo as que trabalham com a temática da inclusão e apresentam um interesse pelos Estudos Surdos onde os docentes Surdos se sentem mais incluídos no grupo profissional. Ressaltamos também a importância dos Estudos Surdos para as reais mudanças de paradigmas ouvintistas de nossa sociedade.

Palavras-chave: Docentes Surdos; Relações Sociais; Interseccionalidade; Estigma; História de Vida; Libras.

ABSTRACT

This study aims to analyze, through the narratives of Deaf teachers, how interactions occur with the school community in the educational context. Deaf teachers occupy a space that until then was not intended for them, socially seen as people with disabilities who should not enter certain spaces, such as teaching. However, the municipal network of Juiz de Fora has the presence of Deaf teachers, hired to teach Libras, the Brazilian Sign Language. Faced with this reality, the research questions arose, which were answered through the Life History methodology, with interviews carried out with four participants who narrated their life experiences in the school context, without the researcher influencing them with structured questions. The data collected was analyzed according to the themes presented in the interviews and reflected on with the support of the theoretical framework of the research. Therefore, we conclude that some of the social and professional relationships of Deaf teachers are marked by hearingism and ableism. However, despite some participants stating that they feel included in the spaces they work in, we cannot say that hearingism is not present in all spaces in which Deaf people work, as hearingism is structural and there is still a long process to eliminate it. Such differences were identified through the profiles of the institutions presented by the participants themselves, with those that work with the theme of inclusion and are interested in Deaf Studies, being the institutions in which Deaf teachers feel more included in the professional group. We also highlight the importance of Deaf Studies for the real changes in hearing paradigms in our society.

Keywords: Deaf Teachers; Social relationships; intersectionality; Stigma; Life Story; Libras.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Capes Dissertações.....26

Tabela 2 – Capes Teses.....27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASJF – Associação de Surdos de Juiz de Fora

CAAE – Certificado de Apreciação Ética

CAEE – Centro de Atendimento Educacional Especializado

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAS – Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez

CAT – Central de Atendimento

CECEL – Centro de Educação e Cultura para o Ensino de Libras

DIAE – Departamento de Inclusão e Atenção ao Educando

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBRA – Instituto Brasil de Ensino

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

NEACE – Núcleo Especializado de Atendimento à Criança Escolar

PEACE – Programa Especializado de Atendimento à Criança Escolar

PU – Projeto de Universalização da Oferta de Língua Estrangeira

SAEDI – Supervisão de Atenção à Educação na Diversidade

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei

UEMG – Universidade Estadual de Minas Gerais

UNIPAC – Universidade Presidente Antônio Carlos

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 O DOCENTE SURDO NAS PESQUISAS EDUCACIONAIS..... | 26 |
| 3 REFLETINDO SOBRE CULTURA E IDENTIDADES..... | 31 |
| 3.1 CULTURA SURDA..... | 31 |
| 3.2 IDENTIDADES SURDAS..... | 37 |
| 4 REFLETINDO SOBRE DOCÊNCIA E SURDEZ..... | 41 |
| 4.1 CAPACITISMO..... | 41 |
| 4.2 INTERSECCIONALIDADE..... | 43 |
| 4.3 ACESSIBILIDADE..... | 45 |
| 5 HISTÓRIA DE VIDA COMO DESENHO METODOLÓGICO..... | 47 |
| 6 NARRATIVAS DAS/DOS DOCENTES SURDOS/SURDAS..... | 51 |
| 6.1 EDUCAÇÃO DE SURDOS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE JUIZ DE FORA..... | 51 |
| 6.2 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA..... | 53 |
| 6.3 OUVINTISMO..... | 55 |
| 6.4 OS ESTUDOS SURDOS NA DESCONSTRUÇÃO DO OUVINTISMO..... | 63 |
| 6.5 SER DOCENTE..... | 68 |
| 6.6 INTERSECCIONALIDADE: A IDENTIDADE SURDA PARA ALÉM DA SURDEZ..... | 74 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 77 |
| REFERÊNCIAS..... | 79 |

INTRODUÇÃO

I – Minha história e a relação com o tema de pesquisa

A minha história de vida foi marcada por questões que levaram ao meu interesse pela temática da pesquisa, como o contato com os Surdos. Inicialmente pela perspectiva clínica-terapêutica, carregada de estigmas e, posteriormente, já com a visão socioantropológica, como contarei a seguir.

Eu cresci em uma pequena cidade do sul de Minas Gerais, Liberdade, com cerca de 5 mil habitantes. A colonização da cidade foi iniciada em meados do século XVII, por bandeirantes que vieram de Taubaté, estado de São Paulo, em busca de ouro na nascente do Rio Grande, que corta a cidade, estabelecendo-se na região, pois encontraram o valioso minério. Apesar de ser em menor quantidade comparado às outras regiões do estado, o ouro era livre dos impostos da coroa, facilitando, assim, o contrabando para o Rio de Janeiro. Posteriormente se estabeleceram na região os Jesuítas, iniciando no local o culto ao Senhor Bom Jesus do Livramento, santo padroeiro que nomeou o povoado, Livramento, então distrito de Aiuruoca, até a emancipação política no final da década de 1930, quando recebeu o nome de Liberdade. Com o passar dos séculos, a economia deixou de se pautar no ouro e se tornou de produção rural, mantida pela mão de obra local (Alves, 1993). Atualmente, a economia local é mantida pelo comércio e por uma pequena indústria de minério.

Mesmo pequena, a cidade é dividida entre região nobre e periferia, de onde venho. Na periferia, assim como em toda a cidade, são todos conhecidos e compartilham os saberes populares, sabe-se quem são as benzedeadas, hoje escassas, onde será o terço de São Gonçalo, onde pedir as verduras ou as ervas medicinais que não tiver na horta. Uma rica cultura popular que aos poucos está se perdendo. Voltando para a relação com Surdos, lembro-me que desde criança tinha conhecimento de dois "mudos" (termologia preconceituosa e violenta utilizada popularmente) na cidade, ambos perambulavam pelas ruas da cidade com roupas rasgadas e sujas. De um deles guardo uma lembrança especial, pois quando criança sempre se aproximava sorridente sussurrando para minha mãe, "cadê o Elo?" nome do meu pai, Hélio, com quem gostava de conversar.

Minha mãe contava com carinho que sempre que ele a via com os filhos no colo, oferecia-se para ajudar a carregá-los na subida de morro. Há pouco tempo soube da história dele: os pais, muito pobres, tiveram que deixá-lo com outra família para criá-lo. Ele vivia com

um irmão que recebia o seu benefício, mas não o usava para os devidos cuidados. Essa era a visão constituída por mim das pessoas surdas: pessoas carentes que necessitavam de cuidados e eram incapazes de gerir a própria vida. Essa lembrança de minha infância e adolescência me levou a refletir sobre a visão que a sociedade, por falta de conhecimentos, tinha e tem dos Surdos. Ou seja, um pensamento de acordo com a visão clínico-terapêutica apontada por Skliar (1997) e Souza (1988), que será explicada mais adiante.

O meu primeiro contato com a Libras ocorreu através de uma disciplina no curso de licenciatura em Normal Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), no município de Liberdade-MG, disciplina ministrada ainda de forma tímida, pois o conteúdo tratava apenas da memorização de sinais sem contextos e não nos foram apresentadas questões culturais sobre a Comunidade Surda. Concluí o curso em 2011 encantada com a disciplina de Libras, pois não a conhecia, não sabia que os Surdos poderiam se comunicar por uma língua gesto-visual.

Neste mesmo período, realizei o meu estágio em uma escola estadual do município e tive a oportunidade de observar um aluno Surdo matriculado no quarto ano do Ensino Fundamental. Ele contava com a presença de uma intérprete de Libras, não fluente, sendo que ele também não era. A escola tinha outro aluno matriculado no sétimo ano do Ensino Fundamental, também não fluente em Libras. Sendo assim, a comunicação ocorria através de gestos e alguns sinais da Libras, um misto de estratégias comunicativas.

Um fato interessante que ocorreu e despertou a minha atenção foi em uma aula de Artes, em que a docente propôs um trabalho com dobraduras, sendo que uma delas foi um avião de papel. Após a confecção, o aluno Surdo, mediado pela Intérprete de Libras, questionou-me sobre o som emitido pelo avião de papel, pois imaginou que ele pudesse emitir o mesmo som do avião verdadeiro, som que não conhecia, mas sabia que existia. Nesse momento pude perceber que existem dois mundos, o da cultura surda e o da cultura ouvinte, conceitos que ainda não dominava na época, mas que apresentaram sentidos para mim. Tais questões conheci anos depois, através dos estudos de Strobel (2008) e Skliar (2001), que explicam que a Cultura Surda é a forma com as quais os Surdos interagem com o mundo, adaptando ao seu melhor conforto. Tal experiência despertou ainda mais o meu interesse por conhecer e pesquisar esse novo mundo, o mundo dos Surdos.

Após a conclusão do curso de licenciatura em Normal Superior, o meu interesse pela Libras continuava, então procurei por cursos na região, mas não encontrei. Em 2013 me

mudei para Juiz de Fora a fim de cursar licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), outra área de interesse. Na época ainda não havia o curso de licenciatura em Letras-Libras na UFJF. O curso de Filosofia foi essencial para o meu amadurecimento acadêmico, mas o interesse por Libras continuava. Em 2014 ingressei como bolsista no projeto de pesquisa sobre a História do Curso de Filosofia da UFJF, o valor que recebia da bolsa me possibilitou pagar as mensalidades do curso particular de Libras do Centro de Educação e Cultura para o Ensino de Libras (CECEL), que cursei por seis meses. O curso me proporcionou um conhecimento básico de Libras, pois o foco era comunicacional.

Ampliando os conhecimentos na área, na UFJF tive a oportunidade de participar de cursos de Libras na modalidade de projeto de extensão, Libras e Saúde I e II, e Bate Papo em Libras I e II, oferecidos pelo curso de Letras-Libras, no período de 2017 a 2018. Esses cursos me proporcionaram conhecimentos mais amplos sobre a educação de Surdos, cultura e identidade surda, ampliação de vocabulário da língua e um contato inicial com a comunidade Surda, alunos e docentes Surdos que participavam do projeto.

Também cursei Libras ofertado pelo Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS) da Secretaria de Educação de Minas Gerais. Na época, o professor era presidente da Associação de Surdos de Juiz de Fora (ASJF) e não limitava o curso ao aprendizado linguístico, incluindo questões pedagógicas e culturais, apresentando suas experiências e percepções de mundo. Isso permitiu que eu ampliasse meus conhecimentos sobre a comunidade surda.

No período de formação da faculdade de Filosofia, participei também como monitora da disciplina de “Libras Língua Brasileira de Sinais”, do departamento de Educação, e do projeto de Treinamento Profissional de Atendimento Inclusivo em Libras pela Central de Atendimento (CAT), de março de 2018 a fevereiro de 2019, no qual realizava atendimento em Libras para os alunos Surdos da UFJF e Surdos da comunidade que necessitassem do atendimento na CAT.

Em 2019 iniciei meu trabalho como Intérprete de Libras na rede municipal, atuando no Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE), onde auxiliava na acessibilidade linguística de quatro docentes Surdos que atendiam alunos Surdos, realizando interpretação também das reuniões pedagógicas das escolas municipais em que outros docentes Surdos trabalhavam. Esse trabalho foi muito importante, pois tive a oportunidade de conviver com docentes Surdos e perceber as relações que ocorriam entre eles e a comunidade escolar. Isso me instigou a pesquisar mais a fundo sobre como essas interações ocorrem no ambiente escolar, buscando problematizar as relações sociais e profissionais estabelecidas

entre docentes Surdos e a comunidade escolar na qual estão inseridos, com o intuito de entender como os docentes Surdo se relacionam com os seus pares ouvintes no contexto escolar e se realmente ocorre a inclusão desses profissionais Surdos.

Para obtenção do título de Licenciada em Filosofia, acrescentei meus conhecimentos sobre a Libras e a Educação de Surdos e realizei o trabalho “Filosofando com Crianças Surdas pelo Método da Investigação Dialógica”, orientada pelo professor Dr. Juarez Sofiste, e defendido em julho de 2019. O estudo teve como objetivo apresentar o método da Investigação Dialógica, desenvolvido pelo Professor Dr. Juarez Sofiste, pelo qual seria possível trabalhar Filosofia com crianças Surdas, refletindo sobre algumas estratégias teóricas e práticas. Uma das conclusões mais relevantes da pesquisa foi que, para que a realização de um trabalho pedagógico se efetive com alunos Surdos, é necessário a Libras como língua de interação.

De acordo Campello (2008), essas reflexões sobre a visualidade dos alunos Surdos devem estar presentes no contexto escolar, pois a língua de conforto desses indivíduos é a Libras, por se tratar de uma Língua de modalidade gesto-visual compatível com as especificidades de interação desses indivíduos. Podemos afirmar que, além de uma língua de conforto, trata-se de uma condição vital para os Surdos, pois é através dela que poderão interagir com o mundo e lutar pelos seus direitos de cidadãos.

Cursei especialização em Educação Inclusiva em Contextos Escolares, na UFJF, concluindo em 2019, orientada pelo professor Ms. Rodrigo Geraldo Mendes, docente Surdo da Faculdade de Educação da UFJF, no TCC intitulado “Linguagens e Surdez: relações e desenvolvimento”. O objetivo principal do trabalho foi discutir a importância da Libras nos processos educacionais e sua contribuição para a formação dos alunos Surdos. Concluímos então que, além do conhecimento da Língua, é necessário um conhecimento cultural da Comunidade Surda para que os docentes possam desenvolver estratégias pedagógicas condizentes com as especificidades desses alunos. Essa pesquisa e o contato com o docente Surdo orientador me trouxe mais reflexões sobre as identidades e a cultura surda, como é discutido pelas autoras Perlin (2016) e Strobel (2008, 2013).

Em 2020 concluí a especialização em Libras – Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais, pelo Instituto Brasil de Ensino (IBRA), iniciada em janeiro de 2020. O título do TCC foi “Reflexões sobre o papel do profissional intérprete de Libras”, cujo objetivo foi refletir sobre o papel do Intérprete de Libras em sala de aula. Concluímos que seu papel é mediar o conhecimento, pois sua formação não lhe possibilita o ensino, cabendo esse papel ao docente, o que nos traz de novo à questão do papel docente e sua interação com alunos

Surdos, conforme apresentado por Campello (2008) ao especificar que o docente deve ser capaz de interagir pedagogicamente com todos os alunos.

Na trajetória desse conhecer sobre Libras e Educação de Surdos, concluí em 2021 a especialização em Alfabetização e Letramento na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), iniciada em dezembro de 2019, com o TCC “Reflexões sobre as Práticas de Leitura e Escrita com alunos Surdos”, orientada pelo professor Dr. Fernando Augusto Teixeira, texto que trouxe reflexões sobre o processo de alfabetização e letramento de crianças surdas, mas que abordou também questões de cultura e identidade discutidas principalmente por Perlin (2016) e Strobel (2008; 2013).

No período de quarentena da pandemia da COVID-19, causada pelo coronavírus, SARS-CoV-2, atuei de forma remota como Intérprete de Libras do NAI da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), onde tive a oportunidade de conhecer Surdos de outras cidades e suas experiências.

Iniciei como docente substituta de Libras, em abril de 2022, no departamento de Educação da UFJF, onde tive a oportunidade de atuar como orientadora de TCCs sobre a temática de Educação de Surdos, coordenei o curso de extensão Alfabetização e Letramento de Surdos: refletindo e revendo métodos e práticas pedagógicas, juntamente com o professor Carlos Antônio Jacinto, e atuei como orientadora do PU Libras, Projeto de Universalização em Línguas Estrangeiras. No mesmo período, fui Intérprete de Libras na rede municipal de Juiz de Fora, atuando na Supervisão de Atenção à Educação na Diversidade (SAEDI), vinculada ao Departamento de Inclusão e Atenção ao Educando (DIAE), trabalho que me colocou novamente em contato com docentes Surdos, pois além das interpretações em reuniões pedagógicas, atuava com orientações do trabalho de docentes de Libras.

No início de 2023 concluí o curso Licenciatura em Letras-Libras e durante o curso, atuei como voluntária do Projeto de Extensão Glossário Bilíngue Libras-Português, da área da Linguística, e como monitora nas disciplinas de “Libras e Educação para Surdos”.

Minhas experiências profissionais e meus estudos sobre a temática mudaram a minha concepção dos Surdos, antes pautada na falta, agora na compreensão de sua Cultura. Elas também despertaram o meu interesse pela pesquisa, em especial minha experiência como Tradutora Intérprete de Libras, em que tive contato direto com muitos docentes Surdos. Minha trajetória acadêmica me proporcionou o embasamento teórico e a maturidade para ingressar em um Programa de Pós-graduação e tratar do tema em questão com mais segurança.

II – Visões sobre os Surdos

Ao longo da história, os Surdos¹ enfrentaram grandes desafios na sociedade: segregações, estigmatizações e muitos acontecimentos cruéis. Em diversas sociedades, os Surdos não eram aceitos e nem considerados humanos, como nos apresenta Maia (2017, p.102), “[...] a história dos surdos é marcada por tragédias.” Na Antiguidade eram mortos, na Idade Média eles tinham o direito à vida, mas não ao convívio social, tendo sido considerados como destituídos de alma pela Igreja Católica. Na Idade Moderna, com os avanços da ciência, passaram a ser vistos como doentes a serem curados (Maia, 2017).

Na perspectiva clínica-terapêutica da modernidade, o Surdo deve ser normatizado através de terapias que o possibilitem falar oralmente e fazer leitura labial, passando-se por ouvinte, ou, mais recentemente, tornando-se ouvinte ao ser submetido a processos cirúrgicos ou ao uso de próteses (Gesser, 2004; Skliar, 2001), que na maioria das vezes não apresentam o resultado esperado. De tal maneira, o Surdo foi e ainda é marcado como um indivíduo aberrante, que deve ser redimido à normalidade, sendo que “[...] as marcas da normalidade e o discurso clínico-terapêutico são constituidores do sujeito surdo como patológico, doente, como um sujeito a recuperar” (Thoma, 2004, p. 59). Tal perspectiva tem por marco o Congresso de Milão, ocorrido em 1880, evento organizado por intelectuais da época, para decidirem sobre a educação dos Surdos, decisão realizada por intelectuais ouvintes.

Nessa ocasião ficou demonstrado que os surdos não tinham problemas fisiológicos em relação ao aparelho fonador e emissão de voz, fato esse do qual derivou a premissa básica: os surdos não têm problemas para falar. Baseando-se nessa premissa, a comunidade científica da época impôs que as línguas de sinais, ou linguagem gestual, conforme eram conhecidas, fossem definitivamente banidas das práticas educacionais e sociais dos surdos. Adotou-se o método de oralização (Baalbaki; Caldas, 2011, p.1885).

Tal decisão reforçou a visão clínico-terapêutica da surdez, atribuindo preferência para a língua oral e excluindo a Língua de Sinais. Essa visão clínico-terapêutica da surdez prevalece até os dias atuais, como afirmaram Skliar (1997) e Souza (1988), com o objetivo de trazer a cura para a surdez e ignorando a língua e os processos culturais da Comunidade Surda.

¹ “[...]“surdo” com minúsculas se refere simplesmente ao fato físico da surdez, enquanto “Surdo” com maiúsculas se refere aos surdos como grupo cultural, como comunidade linguística”. (Silva 1997, p.11).

Na atualidade, com os crescentes movimentos Surdos relatados por Perlin (2016) e Solomon (2013), inicia-se uma nova concepção da surdez na perspectiva da “diferença”, não como doença, mas sim focando a cultura e identidade da Comunidade Surda, uma visão socioantropológica. De acordo com Skliar (2001, p. 20) “[...] a comunidade surda se origina em uma atitude diferente frente ao déficit, já que não leva em consideração o grau de perda auditiva de seus membros”. Desse modo, a percepção de pertencimento ao grupo e de inserção à cultura Surda dá-se não pela surdez em si, mas pelo uso e pela identificação com a Língua de Sinais, sendo, para a realidade brasileira, denominada Língua Brasileira de Sinais (Libras)². Assim:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (Strobel, 2004, p. 22).

De acordo com Perlin (2016), essa identificação com a Libras e a Cultura Surda auxilia na formação das Identidades Surdas, o que, segundo a autora, não nos permite afirmar que tais identidades sejam homogêneas, mas, por outro viés, assumem uma dimensão multifacetada. No mesmo sentido, Gesser (2004, p. 296) acrescenta que, para além das Identidades Surdas, outras marcas identitárias se mesclam na construção desses sujeitos, quais sejam, “[...] gênero, nacionalidade, idade, orientações étnicas, sexuais e religiosas como características que também compõem ‘as culturas’ de um indivíduo”(Gesser, 2004, p. 296).

Em relação às identidades, Hall (2020) afirma que estas não são fixas, prontas e acabadas, mas que variam de acordo com a multiplicidade de representações culturais às quais o sujeito tem contato. O que é dito também por Perlin (2016) quando explica que as Identidades Surdas podem ser classificadas em possíveis cinco grupos, que serão explicados

² Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

³ Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

detalhadamente ao longo do texto: Identidades Surdas; Identidades Surdas Híbridas; Identidades Surdas de Transição; Identidades Surdas Incompletas e Identidades Surdas Flutuantes. A autora ressalta que a classificação é uma forma de apresentar as Identidades Surdas, que na verdade são múltiplas e multifacetadas.

A partir dessas argumentações, entende-se que o sujeito não se constituiu de uma única identidade, mas sim da mescla de várias identidades, o que Franco (2014, p. 24-25), sustentado em referenciais dos Estudos Culturais, descreve como “identidade social”:

Compreendemos como identidade social a dimensão humana definida do âmbito histórico composto pelas múltiplas e distintas identidades que se mesclam na construção do sujeito que podem ser sexual, de gênero, raça, nacionalidade, etnia, classe entre outros. Essas identidades dizem de um sentido de pertencimento a determinado grupo ou grupos sociais que incitam respostas afirmativas a interpelações diferenciadas por parte de situações, instituições ou agrupamentos sociais (Franco, 2014, p. 24-25).

Hall (2020) destaca que as identidades dos sujeitos pós-modernos são múltiplas, pois o indivíduo, em contato com as diversas culturas, também desenvolve diversas identidades, que se mesclam ao longo de suas experiências sociais.

O termo interseccionalidade, nomeado e desenvolvido por Kimberlé Crenshaw, em 1989, nos permite analisar os cruzamentos das identidades e as possíveis discriminações ocorridas, como essas identidades podem influenciar as relações sociais e as percepções marcadas por preconceitos e estigmas.

Utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam (Crenshaw 2002, p. 177 *apud* Denari, Colombo 2021, p. 03).

Epistemologicamente, a abordagem interseccional permite compreender a identidade que se consubstancia com gênero, raça, classe social, plasmando um corpo concreto, histórico, assim configurado (Freitas; Santos, 2021).

Numa perspectiva social e cultural, entende-se que os Surdos possuem Identidades Surdas e estabelecem relações com o grupo com o qual se identificam, denominado Comunidade Surda, constituída por Surdos e ouvintes usuários de Libras (entre esses ouvintes

estão presentes os familiares, os intérpretes de Libras, os professores, entre outros). Ademais, outro grupo identitário é constituído, o Povo Surdo, que são os Surdos que se identificam com a cultura surda. Os conceitos aqui apresentados sobre Cultura, Identidade e Comunidade Surda estão de acordo com a concepção de Strobel (2004).

As relações sociais estabelecidas pelos Surdos não se restringem à Comunidade Surda. Essas pessoas necessitam estar presentes em outros ambientes sociais, como a escola e o trabalho. Mas nem sempre essas relações se dão de forma confortável. Como descrito brevemente linhas atrás, a história dos Surdos é marcada pela não aceitação e caracterizada como patologia que deve ser curada, sendo eles estigmatizados.

Goffman (1975) nos apresenta que a palavra estigma, de origem grega, significa “marca”, e historicamente veio sendo agregado a ela mais significados. Atualmente, não se trata apenas de uma “marca”, mas da forma como nos portamos em relação ao outro, principalmente ao outro diferente, criando a partir de nossos conceitos sociais uma “Identidade Social Virtual” para esse outro. O autor apresenta como Identidade Social Virtual os atributos que desejamos que o outro possua de acordo com as nossas perspectivas e concepções sociais de normalidade. Por outro lado, temos a “Identidade Social Real”, que são as características reais desses sujeitos, avaliadas de acordo com as nossas concepções, e nem sempre são aceitas socialmente.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande (Goffman, 1975, p. 12).

Pensando nesses impasses desencadeados por essas concepções de identidade que muitas vezes alimentam estigmas sociais, Perlin (2016) explica que a hegemonia ouvinte estigmatiza os Surdos, levando-os a serem interpretados como incapazes para algumas profissões como docentes, gerentes, médicos, entre outras, apresentando que eles são adequados para trabalhos manuais, pois, pela falta de audição, não se distraem com facilidade e assim produzem mais. Por outro lado, a realidade social nos apresenta a existência de docentes Surdos nas escolas, levando-nos a colocar em suspensão essas concepções reducionistas e a exaltar essa construção de identidades sociais que fogem do esperado.

III – Os Surdos na sociedade

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação, foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Ele prevê diversas providências relacionadas à educação de Surdos, entre elas a formação de docentes Surdos e ouvintes de Libras através da criação de cursos de Letras-Libras, buscando assegurar, assim, aos alunos Surdos, um atendimento educacional de qualidade. A partir da criação da Lei de Libras e do Decreto, muitos cursos de licenciatura em Letras-Libras foram criados, ampliando a formação de docentes Surdos.

Em 2006 foi criado o primeiro curso de Letras-Libras na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), na modalidade de Licenciatura e Bacharelado, com diversos polos pelo Brasil, tendo o mais próximo a Juiz de Fora o polo no INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), no Rio de Janeiro (Quadros; Stumpf, 2009). Na UFJF o curso de Licenciatura em Letras-Libras teve início em agosto de 2014, ampliando a oportunidade de formação para os Surdos.

A Lei 13.146, de 06 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), prevê em seu artigo 1º “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (Brasil, 2015, p.01) e no Capítulo VI trata do Direito ao Trabalho. Lei que busca garantir ao Surdo o direito à acessibilidade social e cidadã.

Autores como Felipe (1995), Quadros (1997), Campello (2008) e demais pesquisadores da área apresentam várias publicações sobre a inclusão dos alunos Surdos, refletindo sobre questões sociais e pedagógicas. Entretanto, de acordo com Strobel (2013), é necessário pensar também na inclusão social desses Surdos no mercado de trabalho e em diversos ambientes sociais. Santiago (2011) nos aponta que a inclusão está fortemente ligada à participação, autonomia e independência e que:

A discriminação institucional está profundamente enraizada nas culturas e influencia a maneira pela qual as pessoas são percebidas e as respostas que lhes são dadas. Ela atua de forma difusa e pode se transformar em desvantagem para pessoas em razão de seu gênero, deficiência, classe, etnia, orientação sexual, entre outras diferenças, que indevidamente hierarquizadas produzem preconceitos e discriminações (Santiago, 2011, p. 64).

Como nos apontam Amorim, Antunes e Santiago (2019), o acesso de pessoas com deficiência no Ensino Superior é recente, as discussões se iniciaram somente nos anos 2000, ganhando força com a criação de Leis que legitimam esse acesso, como a Lei 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Segundo os autores, a inclusão e a permanência dos alunos com deficiência no Ensino Superior são desafios e a relação desses com alunos sem deficiência apresenta um movimento em favor da promoção da inclusão. Os Surdos passam por esse desafio durante toda sua trajetória escolar, mas é no trabalho, após essa formação, que um novo desafio começa.⁴

Na rede municipal de educação de Juiz de Fora, no ano de 2023, há aproximadamente 13 docentes Surdos contratados, que atuam no ensino comum, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, 1º ao 5º anos, em salas comuns que tenham matriculados alunos Surdos. Esses docentes atuam juntamente aos docentes regentes ouvintes, com o objetivo de promover a inclusão social, pedagógica e linguística dos alunos Surdos.

Há no município duas escolas com propostas bilíngues inclusivas, o objetivo é que a Libras circule com mais frequência pela escola, favorecendo no processo de inclusão dos discentes Surdos nas escolas, como também na sociedade. Para isso, são contratados docentes de Libras para cargos distintos, como o de docente de *input* linguístico, que atua no turno intermediário com o aluno Surdo, proporcionando o uso social da língua; o de docente de Libras como segunda Língua (L2) para ouvintes, que atua ensinando a língua para todas as turmas da escola, como também gestão e demais funcionários; e o de docente de Libras, já mencionado, que atua em sala de aula mediando o ensino e aprendizagem do aluno Surdo. Os cargos aqui descritos são estabelecidos nos contextos escolares, não há uma nomenclatura específica definida para cada cargo, todos são disponibilizados por meio de contratos temporários como Docente de Libras.

Esses docentes Surdos estão adentrando um ambiente de trabalho que até então não era destinado a eles, como nos apresenta Perlin (2016), visto que, socialmente, os Surdos não são considerados como apropriados para exercer tais trabalhos, destinados exclusivamente a ouvintes. De tal maneira, os docentes Surdos estão entrando em um território em que podem ser estigmatizados, onde representam uma minoria nos ambientes de trabalho, o que nos leva a refletir sobre a colocação de Franco (2014):

⁴ Informações disponíveis no site da instituição: <https://www2.ufjf.br/ufjf/ensino/graduacao/letras-libras/>

Nesse processo de imposição de significação de determinados grupos a outros, efetiva-se o processo de assujeitamento das identidades significadas como minoritárias sob o legado de verdades cunhadas por grupos dominantes que demarcam a inferioridade dos/as 'outros/as'. Desse modo, além das imposições de poderes, instala-se a sobreposição de saberes que passam a definir os limites possíveis de construção de sujeito socialmente aceito (Franco, 2014, p. 57).

Para Silva (2000), a forma como se tem discutido questões de identidade e diferença, sugerindo que devem ser toleradas e respeitadas sem uma reflexão sobre a realidade, resulta em mais divisões de grupos “[...] como a do dominante tolerante e do dominado tolerado ou a da identidade hegemônica, mas benevolente e da identidade subalterna, mas ‘respeitada’” (Silva, 2000, p. 98). Sendo assim, o que acaba acontecendo, de acordo com Silva (2000), é que a incapacidade conviver nas diferenças geram sentimentos de discriminação, de preconceitos, de crenças distorcidas e de estereótipos, ou seja, uma visão errônea sobre o outro, produzidas pelo não conhecimento.

De acordo com Goffman (1975), a sociedade organiza categorias consideradas comuns e naturais para classificar os indivíduos, ou seja, os que se encaixam na categoria de indivíduos normais e os que não se encaixam. Esse padrão de normalidade estabelecido em nossa sociedade está presente também no contexto escolar, elegendo uma identidade como a normal, como nos é apresentado por Santos e Santiago (2011):

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença; significa eleger uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas, hierarquizadas e postas em situação potencial ou efetiva de exclusão. Na rotina pedagógica e curricular das escolas essa hierarquização se reflete através de processos homogeneizadores, que consideram a identidade normal como “natural”, desejável e única (Santos; Santiago, 2011, p. 548).

Santos e Santiago (2011) apresentam reflexões sobre os processos de inclusão e exclusão no contexto escolar e o papel dos docentes nesses processos, o que também é discutido por Mantoan (2003). Esses autores discutem o papel fundamental do docente no processo de inclusão escolar dos alunos. É necessário, entretanto, um estudo que trate da condição de inclusão do docente Surdo na comunidade escolar.

IV – Questões, justificativas e objetivos

Diante da problemática aqui exposta, decidimos lançar o olhar sobre como acontece a inserção de docentes Surdos em contextos escolares e refletir sobre suas relações com a comunidade no ambiente escolar, refletindo se há de fato a inclusão, pois, de acordo com Santiago:

[...] pelo fato de que estar dentro da escola não significa estar incluído, o acesso é apenas uma das peças desse enorme quebra-cabeça. Para muitos estudantes, diferenças culturais, raciais, religiosas, físicas, de orientação sexual, de ritmos de aprendizagem, condição socioeconômica, se traduzem em verdadeiros obstáculos para a participação e para a aprendizagem escolar (Santiago, 2020, p. 123).

Tal contexto instiga-nos às seguintes questões: (i) como se estabelecem as relações sociais e profissionais entre docentes Surdos e a comunidade escolar na qual estão inseridos?; (ii) podemos dizer que eles estão realmente incluídos nesses espaços?; (iii) essas relações são marcadas por estigmas e estereótipos em relação à pessoa Surda?

A opção por pesquisar docentes Surdos da rede municipal se justifica por diversas questões, entre elas, por ser nessa rede que identificamos a legitimação do acesso destes como demanda escolar para o ensino de Libras apresentado nos editais de contratação de docentes. Nas redes estaduais acontece de forma diferente, os alunos Surdos são atendidos desde o Ensino Fundamental I por intérpretes de Libras ouvintes. Na rede particular não conseguimos identificar a presença desses profissionais Surdos, tema que poderia ser investigado em outra ocasião.

Outra justificativa é que, por atuar como intérprete de Libras na rede municipal de Juiz de Fora e estar em constante contato com esses profissionais Surdos nas escolas, acessibilizando em Libras as reuniões, pude perceber algumas divergências entre as relações e a necessidade de uma pesquisa que pudesse investigar as percepções dos Docentes Surdos sobre as relações que ocorrem entre eles e os demais profissionais ouvintes da escola.

Diante das pesquisas bibliográficas, podemos constatar que não há publicações diretamente relacionadas à temática da pesquisa, reforçando-se assim a necessidade de novas pesquisas na área.

Como objetivo geral temos: compreender as percepções dos docentes Surdos sobre as relações sociais e profissionais estabelecidas entre eles e a comunidade escolar na qual estão inseridos.

Os objetivos específicos: (i) identificar as relações que envolvem a docência e a surdez, considerando a interseccionalidade com as demais diferenças; (ii) conhecer a trajetória de vida e profissional dos Surdos docentes; (iii) investigar, através de relatos dos docentes Surdos, como são suas relações no contexto educacional.

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética, cadastrado na Plataforma Brasil/Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob protocolo CAAE: 70920323.00000.5147.

O texto foi estruturado em cinco capítulos que discutem as temáticas propostas na pesquisa.

No capítulo 1, intitulado *O docente Surdo nas pesquisas educacionais*, apresentamos o levantamento das publicações sobre a temática da inclusão dos docentes Surdos, destacando a necessidade de pesquisas, pois não há publicações diretamente relacionadas com a temática. Foram identificadas apenas pesquisas sobre o professor em outras perspectivas.

No capítulo 2, *Refletindo sobre Cultura e Identidade*, abordamos os principais conceitos que remetem ao ser Surdo e suas relações sociais, apresentando os conceitos de cultura, Cultura Surda, Identidade e Identidade Surda e como eles estão relacionados com a forma de ser e estar no mundo destes indivíduos.

No capítulo 3, *Refletindo sobre a docência e a Surdez*, trazemos discussões sobre os conceitos de ouvintismo, capacitismo, interseccionalidade e acessibilidade, que estão relacionados à forma como os docentes Surdos são vistos pela sociedade, e como suas relações sociais são marcadas por estigmas e estereótipos.

O capítulo 4, *História de vida como desenho metodológico*, apresenta a metodologia de pesquisa e como ela contribuiu para que os objetivos propostos fossem atingidos.

No Capítulo 5, *Narrativas das/dos docentes Surdos*, as falas dos participantes são analisadas à luz do referencial teórico da pesquisa, destacando os principais tópicos temáticos que surgiram.

Por fim, temos as considerações finais da pesquisa, onde apresentamos uma síntese dos principais resultados obtidos.

2 O DOCENTE SURDO NAS PESQUISAS EDUCACIONAIS

O mapeamento das produções científicas foi realizado com o descritor de busca “docente Surdo”, limitamo-nos às obras publicadas no período de 2018 a 2022, pesquisados nos bancos de dados, no repositório do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que é composto pelas revistas Espaço, Arqueiro e Fórum, nas quais não encontramos artigos sobre o descritor de busca. Também analisamos o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), onde foram identificadas mais publicações, sendo onze dissertações e uma tese. Na Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) não encontramos publicações e na Revista Brasileira de Educação Especial também não encontramos publicações.

O INES é a primeira escola de educação de Surdos no país, fundada em 1857 e, desde então, é responsável por grande parte das produções acadêmicas sobre o tema. O catálogo de Teses e Dissertações da CAPES é um banco de dados que agrupa as teses e dissertações produzidas pelos programas de pós-graduação do país. A Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras é a primeira revista com produções sinalizadas em Libras.

Os descritores de busca “docente Surdo” e “professor Surdo” foram usados por se tratar de uma pesquisa que foca esse público em especial, pois se pesquisarmos as palavras separadamente, resultam publicações com temáticas mais amplas sobre Surdos e sobre docentes, o que fugiria do objetivo proposto em investigar sobre docentes Surdos.

Diante dos resultados obtidos, podemos constatar que não há publicações diretamente relacionadas à temática da pesquisa, ou seja, em investigar a interação e a inclusão de docentes Surdos no contexto escolar. Tal fato nos leva a uma reflexão apontada por Santos e Santiago (2021,) em que afirmam que “A ausência de estudos é uma forma de eliminação e de exclusão. Para existir, precisamos ser visibilizadas” (Santos; Santiago, 2021, p.11).

Seguem as tabelas com as produções encontradas:

Tabela 1

CAPES – Dissertações

| Ano | Título | Autor | Categoria |
|------|--|-------------------------------------|-------------------------|
| 2018 | O professor surdo: um estudo sobre a constituição de sua profissão docente | CARVALHO, Rosana Passos Quitério de | Formação de professores |
| 2018 | Professor surdo: negociações de identidade no ensino superior | OLIVEIRA, Reany de | Identities |
| 2018 | História de vida de uma professora surda e sua prática pedagógica na educação básica | MAZACOTTE, Andrea Carolina Bernal | Práticas pedagógicas |
| 2020 | O docente surdo na educação superior: significações sobre ser professor | SILVA, Luana Luzia da | Identities |

Dissertação – Ano/Título/Autor/Categoria
Fonte: a autora

Tabela 2

CAPES – Teses

| Ano | Título | Autor | Categoria |
|------|---|---------------------------------|-------------------------|
| 2019 | Professores Surdos na casa dos Surdos: “Demorou muito, mas voltaram” | LAGE, Aline Lima da Silveira | Formação de professores |
| 2020 | Histórias de Vida: trajetórias formativa e profissional de professores surdos | ROCHA, Leliane Aparecida Castro | Formação de professores |

Tese – Ano/Título/Autor/Categoria
Fonte: a autora

Entre as produções levantadas, podemos destacar algumas discussões que se relacionam com a nossa pesquisa. Oliveira (2018) apresenta algumas questões, como Cultura Surda e Identidade Surda, discutindo sobre os dois mundos, o dos ouvintes e o dos Surdos, que em muitas vezes se entrelaçam, com o objetivo de compreender as negociações de identidades e culturas ocorridas no ambiente de trabalho acadêmico. A pesquisadora focou sua pesquisa em docentes universitários, um recorte diferente do que estamos abordando aqui, com docentes da Educação Básica. Entretanto, podemos notar que as falas de alguns entrevistados poderão nos auxiliar na reflexão sobre a inclusão de docentes Surdos, como o depoimento de uma docente surda da Universidade Federal de Uberlândia:

[...] Ser professor surdo em uma Universidade, sentindo-se inferior aos outros professores em virtude das relações de poder, onde a negociação não é

fácil pelo fato de não entenderam que sou diferente, assim negam a nossa diferença cultural materializada em uma grade curricular focada no não surdo (Reis, 2015, p. 17 *apud* Oliveira, 2018, p. 21).

Oliveira (2018) destaca que a escolha dos Surdos pela profissão de docentes de Libras se apresenta como uma saída para eles e que, nas instituições de Ensino Superior, nas quais os docentes Surdos entrevistados atuam, a acessibilidade ainda é limitada, e contam com a presença de intérpretes em momentos pontuais. Entretanto, há outros momentos em que os docentes Surdos necessitam de comunicação com os seus pares e esta é realizada de forma limitada, através do uso de português escrito ou aplicativo de tradução com avatares.

Quando, nesta instituição, por meio de ouvintes, pedem para os surdos acessarem os aplicativos do celular ou a internet para conferência da tradução feita pelo avatar, isso não é próprio da negociação dos surdos, ou seja, isso não é a acessibilidade esperada. Às vezes sofremos algumas barreiras na comunicação para resolver esses problemas (Oliveira, 2018, p. 100).

A autora explica que “O grande desafio é a interação entre ouvintes e surdos, uma vez que o sucesso de pessoas surdas nos estudos e no trabalho, portanto, sua inclusão, depende dessa interação” (Oliveira, 2018, p. 48). E que, apesar de tantos desafios enfrentados, podemos constatar alguns avanços no reconhecimento dos Surdos e de sua língua.

[...] lembramos que os sujeitos surdos passaram (e passam até hoje) por muitas lutas, como proibição da língua de sinais, opressão e discriminação, no entanto, notamos as construções de uma forma positiva na educação dos surdos. Houve a valorização de sua língua e identidade cultural, o reconhecimento e o respeito das diferenças linguísticas, a preservação e defesa de escola para pessoas surdas, além de possibilitar aos surdos o acesso à formação em nível superior em tantas outras instituições. Hoje, até os professores surdos têm direito de ensinar a Libras em qualquer destas instituições (Oliveira, 2018, p. 43).

No texto autobiográfico *História de vida de uma professora surda e sua prática pedagógica na educação básica*, de Mazacotte (2018), foi relatado pela autora seu percurso de vida, formação e prática profissional como pessoa Surda, como os entraves sociais impostos por uma cultura ouvintista. “Na cultura ouvintista, o surdo que não aprende é visto como preguiçoso ou então como incapaz. O ensino acaba sendo substituído por políticas de assistência ao surdo, que é visto como incapaz de aprender” (Mazacotte, 2018, p. 54).

Lage (2019) investigou os processos de inserção de docentes Surdos efetivos no INES. A autora apresenta os impactos ocorridos na instituição com a presença de docentes Surdos e destaca quais foram positivos principalmente para os alunos Surdos:

Nas narrativas dos professores surdos e dos alunos, foi confirmado o impacto da presença de pares durante a formação. Colaborou com o processo de construção de sentidos e provocou desenvolvimento de potencialidades de todos os envolvidos. Processo que não cessa com o avanço da idade cronológica e ganha outros contornos quando consideramos o ensino superior (Lage, 2019, p. 340).

Com o objetivo de apresentar os processos formativos de docentes Surdos, Rocha (2020) utiliza a metodologia de História de Vida para que o objetivo seja alcançado pelas narrativas dos participantes. “O que motivou a realização desta pesquisa de natureza qualitativa, do tipo história de vida privilegiando o estudo do sistema de significados culturais de professores Surdos [...]” (Rocha, 2020, p. 18).

A dissertação de Silva (2020) “[...] constituiu em apreender as significações de professores universitários surdos sobre ‘ser professor/a universitário’” (Silva, 2020, p. 6). Podemos encontrar algumas discussões que são pertinentes para a nossa pesquisa. Silva (2020) relata que em sua pesquisa “[...] foi possível observar as tensões existentes entre a profissão almejada e a profissão conquistada pelos sujeitos da pesquisa” (Silva, 2020, p. 50).

Os dados analisados apontam que estes sujeitos se constituíram enquanto professores por inspiração familiar e/ou por necessidades de melhor inserção no mercado de trabalho, respondendo, através desta formação, às políticas de fomento à formação em nível superior de professores de Libras, com graduação específica (Letras Libras). Refletem que não pensavam em ser professores, mas que aproveitaram a oportunidade de um vestibular e de um curso superior, com acessibilidade comunicacional, além das possibilidades de uma profissão que prometia ser promissora (Silva, 2020, p. 6).

E mesmo com as leis que garantem vagas no mercado de trabalho para as pessoas com deficiência, almejar uma profissão e conquistá-la é ainda mais desafiador para os Surdos.

Apesar das iniciativas voltadas para a inserção da pessoa com deficiência no mercado de trabalho, como por exemplo a Lei n.º 8.213, de 24 de julho de 1991, mais conhecida como Lei de Cotas, muitos surdos ainda se encontram à margem do que é considerado um trabalho com um salário que supra suas necessidades materiais (Silva, 2020, p. 50).

Carvalho (2018) pesquisou a trajetória de três docentes Surdos que atuam no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com o objetivo de reconhecer os fatores que influenciaram a sua formação como docentes e os desafios enfrentados. Carvalho (2018) relata que entre os entrevistados, a docência não estava como primeira opção, entretanto, foi a profissão que os permitiu atuar com a sua língua, a Libras.

[...] esses sujeitos ao se descobrirem parte de um grupo que luta pelo direito à diferença, encontraram na Língua de Sinais e na identificação com o ser surdo, a expressividade necessária para assumirem seu lugar na sociedade. Possivelmente, a profissão docente e o ensino da Língua de Sinais para alunos surdos contribuíram com esse processo reconhecimento do eu, vivido pelos três entrevistados (Carvalho, 2018, p. 81).

A autora acrescenta que no momento da pesquisa no INES, os Surdos atuavam como docentes de Libras e as demais disciplinas eram ministradas por docentes ouvintes. Isso reflete sobre as formações, pois as demais licenciaturas não apresentam a mesma acessibilidade que os cursos de licenciatura em Letras Libras.

Os caminhos percorridos por esses três professores, à primeira vista, não se mostram distantes daqueles percorridos por muitos outros professores ouvintes. O diferencial que permeia as trajetórias aqui descritas está pautado no tipo de dificuldades vividas pelos entrevistados, pois um surdo, em uma sociedade predominante ouvinte, não tem muitas oportunidades de desenvolvimento profissional (Carvalho, 2018, p. 98).

Podemos constatar, nas quatro dissertações e duas teses aqui destacadas, que a questão sobre a profissão escolhidas pelos Surdos, a docência, apresenta-se como a alternativa mais viável, mesmo os Surdos que desejavam outras profissões optaram pela docência como o caminho alternativo mais possível para sua condição de Surdo sinalizante, pois muitos tentaram outros cursos e não obtiveram sucesso por falta de acessibilidade.

3 REFLETINDO SOBRE CULTURA E IDENTIDADES

As questões sobre Cultura e Identidades são de extrema relevância para a nossa discussão, pois refletem sobre as interações dos indivíduos com o mundo, transformando-o e adaptando-o para uma vivência melhor. Entre essas relações, podemos destacar as relações sociais, que refletem na construção cultural e identitária de uma sociedade. Sendo assim, podemos destacar que o indivíduo Surdo, por possuir uma forma própria de interação com o mundo, proporcionada pela visão, possui também uma forma de ser e estar no mundo, mediada pelas Línguas de Sinais.

No presente Capítulo pretendemos discutir os conceitos de Cultura Surda e Identidade Surda e como eles influenciam na constituição dos sujeitos Surdos e suas interações sociais.

3.1 Cultura Surda

O termo cultura, apesar de ser muito discutido entre os pesquisadores, não é definido com facilidade. Gomes (2019) relata que na década de 1950, Alfred Kroeber, antropólogo americano, compilou mais de 250 variações para o termo e o mesmo trabalho atualmente chegaria a milhares. Trabalharemos brevemente com o conceito antropológico de cultura apresentado por Laraia (2001), que define cultura a partir da concepção de Edward Tylor (1871) como sendo as formas que os seres humanos encontraram para se relacionar com a natureza e transformá-la para o seu uso social, através do desenvolvimento de “[...] conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Laraia, 2001, p. 22). Muitas vezes, essa relação com a natureza, principalmente do homem ocidental, ocorre de forma destrutiva, a fim de seus próprios objetivos, desconsiderando a natureza.. O autor ressalta que entre esses costumes constituidores de cultura está a língua, que age como princípio básico para a

transmissão desses conhecimentos, crenças, costumes, entre outros artefatos culturais. Assim, essa cultura é transmitida prioritariamente dentro do grupo linguístico de determinada língua.

Sabemos que no Brasil existem outros grupos linguísticos, como as línguas indígenas, a Libras, línguas estrangeiras de grupos de imigrantes, mas apenas a Língua Portuguesa é reconhecida como língua oficial do país. A Libras tem o reconhecimento legal como uma língua pertencente à Comunidade Surda através da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, onde se lê:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002, parágrafo único).

Sasaki (2002) nos apresenta as terminologias que devemos utilizar ao se tratar de pessoas com deficiência na perspectiva da inclusão. Entre os termos condenados, que tratam das pessoas Surdas, estão mudinho, surdinho, surdo-mudo, que são terminologias que carregam uma conceituação pejorativa das pessoas com deficiência. Os termos no diminutivo relacionam as pessoas Surdas como inferiores, incapazes, o termo surdo-mudo remete a pessoa incapaz de se comunicar. Em outras palavras, “tais termos inferiorizam e discriminam os surdos de uma forma geral, e como são rejeitados por eles próprios e também dentro da comunidade surda” (Gesser, 2009, p. 8). Essa discriminação no nível discursivo é apresentada com o objetivo de ridicularizar as pessoas, caracterizando-as como inferiores:

[...] as pessoas surdas têm sido nomeadas, ao longo do tempo, como: “surdinha”, “mudinha”, “surda-muda”, “deficiente”, “desgraçadas”, “que faz mímica”, “portadora de necessidades especiais” etc. Um arsenal de nomenclaturas que buscam esconder, tamponar, escamotear, invisibilizar, silenciar e, muitas vezes, aniquilar o sujeito de carne e osso... sua cor, sua condição de ser no mundo, sua textura, sua língua, sua cultura, sua orientação sexual, seus saberes, sua liberdade. E as consequências disso são as construções discursivas tornarem-se convincentes: de tanto serem repetidas, acabam por naturalizarem-se. E nada mais preconceito, do desejo de mesmidade, do silenciamento e manifestações nos corpos que existem afirmativamente no mundo; corpos que transbordam toda e qualquer categoria a-normalizadora (Silva; Ribeiro, 2022, p. 06).

Gesser (2009) explica que a rejeição por esses termos é um movimento contra o discurso ideológico dominante, pautado na visão clínico-terapêutica que percebe a surdez como deficiência, falta, um ser que deve ser corrigido através de terapias. Visão que vai ao encontro da concepção ultrapassada do método oralista, em que os indivíduos surdos

deveriam desenvolver a fala e a leitura labial, através de treinos exaustivos, para que pudessem, assim, atingir a concepção de normalidade imposta pela sociedade.

Infelizmente, os surdos têm sido narrados e definidos exclusivamente a partir da realidade física da falta de audição e, portanto, aos olhos da sociedade majoritária ouvinte, eles têm sido vistos exclusivamente a partir desse fato. O efeito disto é que os surdos e as línguas de que fazem uso (Libras e Português escrito/oral) tornam-se telas com espaços em branco para a projeção do preconceito cultural e do discurso da "normalização"(Gesser, 2009, p. 15).

Em contrapartida, Gesser (2009) apresenta a defesa pelo uso da terminologia Surdo, que carrega a concepção da diferença linguística e cultural, pautada na visão socioantropológica da surdez. Nessa visão, o Surdo é visto como um indivíduo diferente, que interage com o mundo através da visão, fazendo uso da Língua de Sinais, língua de modalidade visuoespacial, que traz a ele experiências e vivências culturais e identitárias específicas à essa diferença sensorial.

Quadros (2002) apresenta a conceituação de surdez e Surdo, sendo que os termos surdez ou deficiente auditivo têm a relação com a visão clínico-terapêutica, enquanto o termo Surdo representa a visão socioantropológica do indivíduo.

Surdez – A surdez consubstancia experiências visuais do mundo. Do ponto de vista clínico comumente se caracteriza a surdez pela diminuição da acuidade e percepção auditivas que dificulta a aquisição da linguagem oral de forma natural. Surdos – São as pessoas que se identificam enquanto surdas. Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais. A identificação dos surdos situa-se culturalmente dentro das experiências visuais (Quadros, 2002, p. 10).

Gesser (2009) reforça a importância da Libras para os movimentos da Comunidade Surda e o seu pertencimento social.

Não há dúvidas de que na comunidade surda a Língua de Sinais (LS) confere ao surdo uma libertação dos moldes e visões até então exclusivamente patológicos, pois desvia a concepção da surdez como deficiência, vinculada a lacunas na cognição e pensamento, para uma concepção da diferença linguística e cultural (Gesser, 2009, p. 18).

Pautados na conceituação de cultura de Laraia (2001), tendo o reconhecimento da Libras como língua da comunidade Surda, e pautados na visão socioantropológica da surdez,

podemos apresentar a concepção de Cultura Surda apresentada por Strobel (2008) de que é a forma em que o Surdo interage e adapta o mundo a fim de torná-lo acessível e habitável de acordo com as suas perspectivas visuais. A autora ainda reforça que é através do contato com a Cultura Surda que as identidades do povo surdo são desenvolvidas. Essa definição nos auxilia na compreensão de que, mesmo que os Surdos estejam inseridos em uma sociedade majoritariamente ouvinte e falante de português, eles não comungam completamente com essa cultura, pois biologicamente não recebem os sons das falas e não recebem todas as informações culturais transmitidas por ela. Quadros (2002) também nos traz a concepção de Cultura Surda:

Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes (Quadros, 2004, p. 10).

Rodrigues (s.d) completa que mesmo que os Surdos estejam inseridos em uma sociedade majoritariamente ouvinte, eles desenvolvem estratégias de organização e convivência, a Comunidade Surda.

Uma característica da Comunidade Surda brasileira é o uso da Libras, língua pela qual os Surdos têm acesso ao mundo e às informações dele. Quanto antes o Surdo for inserido na comunidade e adquirir a Libras, ele poderá ter acesso com mais facilidade aos conteúdos produzidos nesta língua. E quanto mais as informações circulam em Libras, com a ampliação de usuários da língua, os Surdos poderão ser incluídos verdadeiramente na sociedade. Neste processo de relação entre as culturas, para Gomes (2019), ocorrem trocas que serão posteriormente assimiladas pela cultura, o que é denominado por empréstimo cultural, fenômeno que tem maior ocorrência entre a Cultura Surda e a cultura ouvinte, pois ambas dividem o mesmo território físico.

Por exemplo, a cultura brasileira se relaciona com a cultura norte-americana ou com as culturas indígenas. É certo que são os indivíduos que se relacionam uns com os outros; mas ao fazerem, ao lado de trocarem bens e produtos, transmitem e recebem valores, ideias, pensamentos, modos de comportamento que são absorvidos, isto é, “emprestados”, de propósito ou até inconscientemente e são, posteriormente, incorporados ao todo coletivo, ganhando sua própria dinâmica de existência e transmissão (Gomes, 2019, p. 41).

Gomes (2019) ainda reforça o conceito de empréstimo cultural apresentando alguns exemplos ocorridos em nossa sociedade, como o uso de calça jeans da cultura americana e os hábitos de banho indígenas que vão além da função de higiene, mas também como forma de relaxamento.

Essas relações e trocas entre as culturas ocorrem também entre Surdos e ouvintes, entretanto, a forma com que o surdo faz uso do Português não é como a maioria dos ouvintes. Pizzio e Quadros (2011) afirmam que, para os Surdos, a primeira língua é a Libras, língua materna, a qual o Surdo irá adquirir, através da interação com usuários da mesma língua, o Português será aprendido como segunda língua, através de métodos específicos para o aprendizado de uma segunda língua.

Como nos aponta Gesser (2009):

A Língua de Sinais é, portanto, um símbolo importante de identidade cultural; o que não significa dizer, por outro lado, que o surdo também não construa outras culturas e identidades na Língua Portuguesa, por exemplo. O problema está no fato de que o Português de que o surdo faz uso (escrito e oral – este último no caso de surdos oralizados) é também estigmatizado, uma vez que não atinge as expectativas impostas e desejadas por uma maioria de ouvintes (Gesser, 2009, p. 19).

Para Strobel (2008), a Cultura Surda possui alguns artefatos culturais que são divididos em: Experiência visual; Linguístico; Familiar; Literatura surda; Vida social e esportiva; Sinal Pessoal; Artes visuais; Política e Materiais. Freitas (2009) descreve cada um dos artefatos culturais. A visão para os Surdos é o principal dos sentidos, pois é através dela que suas reflexões e identidades são desenvolvidas, diferentemente da forma das dos ouvintes, pois possui uma língua visual, tornando-se diferente dos ouvintes e não deficiente (Freitas, 2009).

Linguístico: as línguas são artefatos culturais de todas as sociedades, pois constituem um papel essencial na sua formação. Na Comunidade Surda a sua importância não é diferente. Freitas (2009) reflete que também dentro das diversas Comunidades Surdas pelo mundo as línguas são diferentes, de acordo com as experiências visuais de cada cultura.

Familiar: Freitas (2009) nos traz a informação de que a maioria dos Surdos nascem em famílias ouvintes, as quais recebem como as primeiras orientações, a visão clínico-terapêutica e, com o objetivo de trazer os seus filhos para a “normalidade”, os submetem a terapias, que também, na grande maioria, não apresentam resultados satisfatórios. Dentro desta perspectiva, a Cultura Surda não é desenvolvida em família. Entretanto, existem as minorias de Surdos que

nascem de famílias Surdas, onde a experiência visual e a língua de sinais podem ser desenvolvidas livremente, tornando-se um ambiente propício para a Cultura Surda.

Literatura Surda: Freitas (2009) aponta que a literatura é um artefato muito importante, pois cada cultura desenvolve sua própria literatura de formas distintas. A literatura está presente também na Comunidade Surda, muitas são passadas pelos Surdos mais idosos para os mais jovens. Com a crescente popularização dos meios de registros de vídeos e divulgação nas redes sociais, essas produções estão chegando com mais facilidade em Comunidades Surdas de todo o país.

[...] pelo mundo inteiro as comunidades surdas vêm atualmente se reunindo para organizar festivais locais, nacionais e até mesmo internacionais de arte e cultura surda como os festivais de cinema surdo, festivais de teatro surdo etc. Estes eventos têm ganhado interesse dos membros das comunidades surdas que desejam compartilhar criações que refletem sua própria cultura e daqueles que desejam simplesmente prestar atenção a estas manifestações culturais e seus valores (Freitas, 2009, p. 40).

Vida social e esportiva: de acordo com Freitas (2009), os surdos se encontram em diversos eventos, como “casamentos entre os surdos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros” (Freitas, 2009, p. 40). Entre esses eventos e locais podemos destacar um local muito importante para a comunidade surda que são as associações de Surdos, onde os eles possuem uma data de encontro fixo. Quando não se tem uma sede fixa para ela, são combinados em locais públicos como shoppings, praças, entre outros. Esses encontros são importantes para as trocas de informações, conversas e produções culturais.

Um outro artefato específico da Comunidade Surda de acordo com Freitas (2009) é o Sinal Pessoal, que é o batismo, que é uma forma mais prática e rápida para a identificação das pessoas. Surdos e ouvintes, ao se inserirem na Comunidade Surda, recebem um sinal específico que a partir desse momento irá identificá-lo, esse sinal deve ser atribuído por uma pessoa surda.

Eles olham para a pessoa e identificam alguma característica que seja específica dela e lhe dão um sinal. Assim, pessoas podem ter um sinal de “sorriso” se são muito sorridentes ou um sinal de “rinoceronte” se são intempestivas, e nem uma nem outra forma de identificação traz um componente forte de juízo de valores, a não ser exatamente aquilo que exprimem. No caso dos dois exemplos citados, o sinal da primeira pessoa significa apenas que se trata de alguém sorridente e que a segunda pessoa tem comportamento imprevisto, que reage de modo súbito; sem que isto seja bom ou ruim, adequado ou inadequado, como seria de se esperar que viesse a acontecer dentro dos valores da cultura dos ouvintes (Freitas, 2009, p. 41).

Artes visuais: segundo Freitas (2009), a maioria das representações artísticas dos Surdos sintetizam sua cultura, história, emoções e sentimentos em relação ao que vivem em sociedade. As produções ainda são pouco divulgadas, mas Freitas (2009) cita alguns artistas surdos: a desenhista Candelária Uranga, o designer Flávio Milani, a artista plástica Nívea Maria Amorim Rocha, e o ator e desenhista Silas Queiroz, entre outros.

Política: a Comunidade Surda brasileira está fortemente engajada em movimentos de lutas pela garantia de seus direitos sociais, e com isso podemos identificar diversas conquistas, entre elas a Lei de Libras de 2002, que reconhece a Libras como língua da comunidade Surda. Temos também no quadro político alguns Surdos como o de Ana Regina e Souza Campello, Antônio Campos Abreu, Karin Strobel, Mariane Stumpf, Neivaldo Zovico, Nelson Pimenta, entre outros (Freitas, 2009).

Materiais: de acordo com Freitas (2009), os artefatos culturais materiais são produções e adaptações de materiais que possam auxiliar na acessibilidade dos Surdos. Como por exemplo, a campanha luminosa. Para os ouvintes as companhias são pautadas na audição, o que não atende aos Surdos. Dessa forma, a campanha possui instalações luminosas e, sempre que acionadas, acendem uma luz. Outro exemplo são os despertadores que vibram, que são relógios despertadores específicos e possuem um dispositivo que deve ser colocado embaixo do travesseiro para que, no momento do despertar, ele vibre para que o Surdo possa sentir e acordar.

Foram apresentados brevemente alguns dos artefatos culturais da Comunidade Surda com objetivo de demonstração da diversidade cultural produzida por ela. Podemos assim afirmar que a Comunidade Surda, através de suas especificidades, desenvolve cultura em seu meio. Diante disso, destacamos a fala de Gomes (2009) “Não há efetivamente culturas superiores ou inferiores, como se fora nula escala evolucionária. Toda e cada cultura tem o seu próprio e singular valor; toda cultura proporciona aos seus membros o sentido de ser e estar no mundo (Gomes, 2019, p. 43).

3.2 Identidades Surdas

Hall (2020) apresenta três concepções de identidade relacionadas a diferentes períodos da história, a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

Sujeito do Iluminismo: na concepção do sujeito do Iluminismo de Hall (2020), a identidade se caracteriza como um indivíduo centrado, consciente, dotado de razão e essas características permanecem imutáveis por toda a vida.

Sujeito sociológico: na concepção sociológica, a identidade do indivíduo é constituída através da sua relação com o outro, por meio da mediação de valores, sentidos e símbolos da cultura (Hall, 2020).

[...] a identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. O sujeito ainda tem núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (Hall, 2020, p. 11).

Sujeito pós-moderno: nesta concepção não há uma identidade estável, pronta, mas sim uma identidade que está em constante transformação de acordo com as relações culturais em que o indivíduo tem contato, podendo haver uma grande quantidade de identidades das quais podemos nos identificar, ao menos temporariamente (Hall, 2020).

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa” do “eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (Hall, 2020, p. 12).

Entre as três concepções de identidade abordadas por Hall (2020), a do sujeito pós-moderno é a que mais possui relação com a nossa realidade, pois vivemos em uma sociedade bombardeada por interações e informações a todo minuto através das redes sociais e de comunicação, nos possibilitando, assim, poder nos identificar e modificar com grande facilidade.

Abordaremos a seguir o conceito de Identidade Surda citado por Perlin (2016). A autora destaca que seu trabalho focou a identificação das diferentes Identidades Surdas, mas que compreende que essas identidades não são únicas como também estão em transformação. “Entendo o conceito de identidades plurais, múltiplas; que se transformam, que não são fixas, imóveis, estáticas, ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias, que não são algo pronto” (Perlin, 2016, p. 52). A autora foca a sua pesquisa na visão socioantropológica da surdez, que parte perspectiva do Surdo como diferente e não deficiente e que a Identidade Surda é constituída a partir da cultura visual da Comunidade Surda. “Ao focalizar a

representação da identidade surda em Estudos Culturais, tenho de me afastar do conceito de corpo danificado para chegar a uma representação da alteridade cultural que simplesmente vai indicar a identidade surda" (Perlin, 2016, p. 53).

Perlin (2016) classifica as Identidades Surdas em cinco grupos: 1) Identidades Surdas; 2) Identidades Surdas Híbridas; 3) Identidades Surdas de Transição; 4) Identidade Surda Incompleta; 5) Identidade Surda Flutuante.

1) Identidades Surdas: Perlin (2016) explica as Identidades Surdas pautada na experiência visual, os Surdos vivem em uma sociedade cultural diversa, entretanto através da identidade surda é criado um espaço de cultura visual. Os adultos Surdos estão sempre à procura de outros Surdos, em busca dessa identificação, dentro desses encontros os Surdos se deparam com os movimentos de militância surda e desenvolvem a identidade política surda.

2) Identidades Surdas Híbridas: para Perlin (2016) as Identidades Surdas Híbridas são as identidades de pessoas que nasceram ouvintes e depois perderam a audição se tornando surdas. Elas se identificam com as duas identidades, surda e ouvinte, e com as duas línguas, Libras e Português, ou seja, Identidades Surdas misturadas.

3) Identidades Surdas de Transição: Perlin (2016) explica que esta identidade é o momento em que os Surdos estão descobrindo a sua Identidade Surda, um momento de transição, a autora destaca que a maioria dos Surdos que nascem em famílias ouvintes passam por esse processo, pois por muito tempo lhe são negados o contato com a Comunidade Surda e quando isso ocorre, a identidade passa por essa transformação.

4) Identidade Surda Incompleta: Perlin (2016) nomeia assim as Identidades Surdas que vivem sob a ideologia ouvintista. A autora explica que o ouvintismo é a ação de alguns ouvintes que veem o Surdo de forma preconceituosa, como se fosse um portador de anomalias e que a experiência auditiva é superior. O conceito também é discutido por Silva e Ribeiro (2022) "O ouvintismo é um sistema estrutural de opressão que atravessa toda a vida das pessoas surdas, impondo barreiras educacionais, comunicacionais, sociais, culturais etc., distanciando os surdos de seu direito" (Silva; Ribeiro, 2022, p. 02). Sendo assim, por pressão da sociedade ouvinte o Surdo nega a sua Identidade Surda, por necessidade de aceitação ou mesmo por imposição da família.

Há casos de surdos cujas identidades foram escondidas, nunca puderam encontrar-se com outros surdos, conseguiram adentrar-se no saber junto aos ouvintes e há casos de surdos mantidos em cativeiros pela família onde se tornaram incapazes de chegar ao saber ou de se decidirem por si mesmo (Perlin, 2016, p. 65).

5) Identidade Surda Flutuante: Perlin (2016) destaca que nesta identidade é possível perceber a aceitação consciente da imposição ouvintista, os Surdos identificados nestas identidades são aqueles que não aceitam as Identidades Surdas, preferindo as identidades ouvintes, esforçam-se para serem como os ouvintes, tentativas muitas vezes frustradas.

O desenvolvimento das identidades está fortemente relacionado à cultura e às representações produzidas nela. De acordo com Woodward (2014), às produções culturais como telenovelas, cinema e marketing produzem representações nas quais nos identificamos e desenvolvemos identidades correspondentes como, por exemplo, as propagandas das décadas de 1980 e 1990, que propunham a construção de um “novo homem”, ou seja, identidades que podemos usufruir e reconstruir para nós (Woodward, 2014). De acordo com a autora, essas representações fornecem possíveis respostas para questões: “Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (Woodward, 2014, p. 18).

Após classificar as Identidades Surdas, Perlin (2016) ressalta a importância do seu reconhecimento para o fortalecimento da Comunidade Surda e da visão socioantropológica da surdez.

O mito de que a norma para os seres humanos consiste em falar e ouvir leva o olhar para o surdo e dizer que ele é selvagem. O pressuposto normalmente aceito é a normalização do corpo. E essa normalização do corpo evoca o sofrimento do surdo e está registrada na história (Perlin, 2016, p. 68).

Gesser (2009) também havia criticado a visão errônea das identidades homogêneas:

De modo geral, os indivíduos veem cultura e identidade como uma entidade em bloco, fechada, acabada e estática. Entre grupos minoritários, por exemplo, é comum ouvir um discurso de oposição às culturas majoritárias cravado na homogeneidade cultural de seu grupo. Assim, passa-se a ideia de que todo o surdo é igual, tem a mesma cultura e identidade surda. Trata-se de um surdo idealizado, do qual se ignoram gênero, nacionalidade, idade, orientações étnicas, sexuais e religiosas como características que também compõem “as culturas” de um indivíduo (Gesser, 2009, p. 20).

Podemos, até aqui, compreender os processos de cultura e identidade e como eles são importantes para a Comunidade Surda em suas relações sociais. Diante disso surgem questões que serão pertinentes a este trabalho, como o capacitismo e a acessibilidade.

4. REFLETINDO SOBRE DOCÊNCIA E SURDEZ

As relações sociais são marcadas por relações de poder, e em uma sociedade na qual o pensamento hegemônico da normalidade prevalece, tudo que foge do padrão estabelecido como normalidade é visto como inaceitável, incapaz, que deve ser corrido. Ao se tratar de pessoas Surdas, o padrão de normalidade, pautado no ouvintismo, estabelece que, para se atingir a normalidade, é necessário oralizar, ou seja, utilizar a língua da maioria dominante e não a Língua de Sinais.

Neste capítulo iremos abordar as questões sobre capacitismo, ouvintismo, interseccionalidade e acessibilidade de docentes Surdos.

4.1 Capacitismo

Os conceitos de capacitismo apresentados por Gesser, Block e Melo (2020) e Freitas e Santos 2021 conversam com a conceituação de ouvintismo apresentada por Perlin (2016), pois também tratam sobre a discriminação de pessoas com diferenças, sofridas pelas pessoas Surdas e pelas pessoas com deficiência. Partimos da percepção socioantropológica da deficiência como diferença, e não da visão médica como falta. “O capacitismo diz respeito

aos corpos capazes sempre pensados com seus antípodas, os corpos incapazes. Temos capacitismo quando uma percepção de “falta” identifica um todo corpóreo como incapaz” (Freitas; Santos, 2021, p.7). Gesser, Block e Melo (2020), embasados em Campbell (2001), conceituam o capacitismo como crenças que estabelecem um tipo de corpo como normal, em que todos os que diferem deste padrão não são aceitos, e as pessoas com deficiência são caracterizadas como estado diminuído de seres humanos que devem ser melhorados, curados ou até eliminados.

[...] as capacidades normativas que sustentam o capacitismo são compulsoriamente produzidas com base nos discursos biomédicos que, sustentados pelo binarismo norma/desvio, têm levado a uma busca de todos os corpos a performá-los normativamente como “capazes”, visando se afastar do que é considerado abjeção (Gesser; Block; Melo, 2020, p. 18).

Entretanto, essas percepções não se limitam às pessoas com deficiência, outras minorias também são vistas como não humanas, pois fogem aos padrões estabelecidos como normalidade. Almeida e Araújo (2020) apresentam como o corpo considerado normal deve ser para os padrões do ocidente. Nas suas palavras:

Ocidente fez do corpo masculino caucasiano sem deficiência o parâmetro de normalidade, face ao qual todos os demais são julgados como “patológicos”. É no âmbito desse jogo que pessoas são classificadas como capazes ou incapazes, aptas ou inaptas (para exercerem funções regulares da vida civil e serem inseridas dentro do mercado de trabalho). Dessa maneira, haveria corpos (e raças) úteis e inúteis, “domesticáveis” e “rebeldes” — “indolentes”, “malandros” etc. Uns destinados às fábricas, e outros, às prisões, aos sanatórios e aos hospitais. Racismo e capacitismo são desdobramentos desse fenômeno (Almeida; Araújo, 2020, p. 623).

Esta hegemonia imposta socialmente, que impõe padrões, apresenta-se estruturalmente em nossa cultura, influenciando os diversos espaços de interação humana, principalmente na escola, levando muitos a se modificarem ou até mesmo se esconderem por não se encaixarem nesses padrões estabelecidos como normalidade.

As diferenças eram percebidas como desvio, tendo como referencial a dicotomia normalidade versus anormalidade, demarcando a existência de fronteiras entre aqueles que aparentemente se encontravam dentro da média e os que supostamente estavam fora desta (Marques; Gusmão; Jesus, 2021, p. 79).

Sendo assim, os demais corpos podem ser descartados e, como nos apontam Gesser, Block e Melo (2020), podem chegar até a processos de esterilização para evitar a continuação

dos genes indesejados. Ressaltam que os processos de eugenia iniciados no final do século XIX e início do século XX trabalhavam com a pureza das raças através de leis que aprovavam a esterilização compulsória de grupos indesejados socialmente, que seriam:

As classes socialmente inadequadas, independentemente da etiologia ou prognóstico, são as seguintes: (1) de péssimo estado de espírito; (2) Insano (incluindo os psicopatas); (3) criminosos (incluindo o delinquente e o rebelde); (4) epilético; (5) drogados (incluindo usuários de drogas); (6) Doentes (incluindo os tuberculosos, ou sífilíticos, os leprosos e outros com doenças crônicas, infecciosas e legalmente segregáveis); (7) cegos (incluindo aqueles com visão gravemente comprometida); (8) surdos (incluindo aqueles com problemas auditivos graves); (9) Deformados (incluindo os aleijados); e (10) Dependente (incluindo órfãos, crianças incorrigíveis, sem-teto, mendigos e pobres) (Gesser; Block; Melo, 2020, p. 21).

Marques, Gusmão e Jesus (2021) destacam que esses indivíduos, marcados como diferentes, sempre estiveram excluídos, ou seja, não poderiam participar da sociedade de tal forma que eram encaminhados para instituições como asilos, escolas especiais, hospitais psiquiátricos, entre outros, para que se mantivesse o padrão de divisão entre os ditos normais e anormais.

As consequências desta visão de eugenia prevalecem, pois “embora esses movimentos eugênicos em larga escala estejam no passado, muitas pessoas com deficiência ainda se sentem pressionadas a não passar suas deficiências ou diagnósticos para seus filhos” (Gesser; Block; Melo, 2020, p. 22).

Gesser, Block e Melo (2020) defendem que para que as lutas anticapitalistas sejam realmente emancipatórias, é necessária uma articulação interseccional com as demais lutas sociais, como as lutas femininas, antirracistas e antiLGBTfóbicas.

4.2 Interseccionalidade

Interseccionalidade é o termo formulado por Kimberlé Crenshaw, em 1989, para designar opressões sociais que se sobrepõem em um mesmo indivíduo. Collins e Bilge (2021) trazem uma definição ampla sobre o conceito de interseccionalidade, mas ressalta que em geral a interseccionalidade é usada como ferramenta analítica.

A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. Essa definição prática descreve o principal entendimento da interseccionalidade, a saber, que, em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que

envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (Collins; Bilge, 2021, p. 16).

Collins e Bilge (2021) ressaltam que a interseccionalidade é usada como ferramenta analítica com o objetivo de resolver problemas, pois através da análise interseccional é possível compreender as relações de forma individualizada, levando em conta as especificidades de cada um, como por exemplo “[...] homens e mulheres frequentemente sofrem o racismo de maneiras diferentes, assim como mulheres de diferentes raças podem vivenciar o sexismo de maneiras bastante distintas, e assim por diante” (Collins; Bilge, 2021, p. 30).

Mulheres negras não experienciam o sexismo do mesmo modo que mulheres brancas; tampouco vivenciam o racismo do mesmo modo que homens negros. Similarmente, é possível inferir que pessoas com deficiência pretas e pardas não sofrem o capacitismo da mesma forma que pessoas com deficiência brancas; e que, outrossim, sujeitam-se a padrões de discriminação racial distintos daqueles que supliciam afrodescendentes sem deficiência (Almeida; Araújo, 2020, p. 622).

Gesser, Block e Melo (2020) destacam que essas experiências sofridas de maneiras diferentes ocorrem também com pessoas com deficiência. Pesquisas com mulheres têm comprovado diversos abusos ocorridos contra os direitos das mulheres com deficiência, por isso a necessidade de mais pesquisas que tragam também essa perspectiva.

Gesser, Block e Melo (2020), como Santos e Santiago (2021), destacam a importância das pesquisas e ações sociais de forma interseccional para que possamos combater as discriminações e desenvolver reflexões científicas que possam desconstruir conceitos tradicionais já arraigados.

Morin discute a complexidade – ou, mais precisamente, o que denomina de pensamento complexo –, como todo ato reflexivo que se oponha a uma análise simplificadora da(s) realidade(s), o que implica nos colocarmos, continuamente, em posição de combate ao pensamento – a cuja tradição estamos, ainda, muito arraigados –, que separa, que fragmenta e reduz o sentido do real (Morin, 2000 *apud* Santos; Santiago, 2021, p. 6).

Gesser, Block e Melo (2020) apresentam que no cenário internacional há um crescimento das pesquisas na perspectiva da interseccionalidade e deficiência, em destaque as pesquisas de Garland-Thomson e que, no Brasil, ainda caminha de forma tímida.

As pesquisas realizadas por autores como Maria Joseph (2005-2006) na Índia, e Bishnu Dhungana (2006) no Nepal, e Marivete Gesser (2010) e Paula Lopes (2018) no Brasil, indicam que, ao contrário das mulheres sem deficiência, as expectativas que a sociedade tem das mulheres com impedimentos corporais tendem a excluí-las do direito ao exercício da sexualidade, do trabalho de qualquer natureza e da maternidade. Além disso, há uma significação cultural de que as mulheres com impedimentos de natureza física são incapazes de cumprir os papéis tradicionais de dona de casa, esposa, trabalhadora e mãe, caso elas desejem reproduzi-los (Gesser; Block; Melo, 2020, p. 24).

A interseccionalidade como ferramenta analítica se objetiva na análise das situações sociais que são marcadas com discriminação e na reconstrução de práticas mais inclusivas, pensando-se na acessibilidade para todos. Para Sasaki (2009), inclusão é o processo em que os sistemas sociais sejam acessíveis “a toda diversidade humana – composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos – com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações” (Sasaki 2009, p. 1). Sendo assim, “[...] os corpos dessas pessoas são inseparáveis de suas dimensões socioculturais, em cujo sentido encontramos camadas sobrepostas de complexidade em que se materializam também questões de gênero, raça, etnia e classe social” (Freitas; Santos, 2021, p. 3).

Freitas e Santos (2021) trazem essa compreensão das diferenças a partir de uma concepção interseccional, que nos permite compreender as identidades que coexistem, como gênero, raça, classe social, entre outras.

[...] operando com a interseccionalidade enquanto conceito que nos permite compreender como as articulações de diferentes categorias identitárias e sociais se imbricam e estruturam a vida de cada sujeito e/ou grupo, ampliando situações de desigualdades, de violações de direitos e desumanização [...] (Santos; Santiago, 2021, p. 5).

Sendo assim, a compreensão do conceito de interseccionalidade e sua funcionalidade analítica é de grande valia para a efetivação do processo de inclusão de indivíduos excluídos, pois muitas vezes, eles são marcados por múltiplos estigmas e preconceitos.

4.3 Acessibilidade

Sasaki (2009) classifica as acessibilidades em seis dimensões, pois é necessário se pensar na eliminação de barreiras em diversos âmbitos sociais para que a acessibilidade aconteça de forma interseccional, percebendo as diferenças de cada um.

As seis dimensões são: arquitetônica (sem barreiras físicas), comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas), metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.), instrumental (sem barreiras instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência) (Sasaki, 2009, p. 1-2).

Entre as seis dimensões da acessibilidade apresentadas por Sasaki (2009), podemos destacar a acessibilidade atitudinal e a linguística. Acessibilidade atitudinal está relacionada com o capacitismo, pois trata de uma maneira de combater a visão social preconceituosa, estereotipada e discriminatória. A dimensão da acessibilidade linguística está relacionada com a experiência dos Surdos e com a Língua de Sinais, que não está acessível em todos os estabelecimentos sociais em que os Surdos são usuários. Marques, Gusmão e Jesus (2021) trazem uma reflexão importante, as diferenças são próprias da diversidade humana:

Viver sem barreiras é, pois, mais do que se falar das diferenças; é se conviver e se falar das/nas diferenças, uma vez que todos somos como somos, isto é, todos somos seres integrantes da diversidade humana. Não devemos falar das diferenças como algo externo a nós, como se a sociedade fosse composta apenas pelos ditos diferentes (Marques; Gusmão; Jesus, 2021, p. 83).

Santos e Santiago (2021) nos levam a compreender que ainda é necessário muita desconstrução e uma luta direta contra o sistema mundial que reforça essas segregações. Silva e Ribeiro (2022) refletem sobre essa necessidade de desconstrução continuamente, e que a educação é um dispositivo potente, capaz de transformar esse pensamento hegemônico em um pensamento mais democrático e plural, de corpos livres.

Superamos o processo de exclusão e segregação que vitimizou milhares de pessoas ao longo da história? Não. O paradigma da inclusão é uma realidade? Somente se entendermos inclusão como processo, nunca como estado final ao qual um dia poderemos chegar, já que vivemos em um contexto mundial que se afirma pelas crises e se alimenta das desigualdades (Santos; Santiago, 2021, p. 5).

Os Surdos enfrentam cotidianamente o processo de exclusão e segregação do mundo ouvinte, onde sofrem com o estigma da deficiência e de sua língua que não é aceita no meio social, como também sofrem por suas características, raça, religião, gênero, ou seja, o preconceito por suas diversas maneiras de ser e estar no mundo. Sendo assim, a pesquisa caminha em um percurso de análise interseccional que possa compreender as diversas facetas de preconceitos e estigmas ocorridos no dia a dia desses indivíduos.

5. HISTÓRIA DE VIDA COMO DESENHO METODOLÓGICO

“Pesquisar é um ato de fazer escolhas, tomar decisões, assumir equívocos em busca de novas formas de compreensão das pessoas, dos eventos, das realidades” (Santiago, 2020, p. 119). Como nos apresenta Santiago (2020), sabidamente a pesquisa é um ato de escolhas e as escolhas que proponho para a estruturação da investigação é o método de história de vida, sustentada pela abordagem qualitativa de pesquisa.

“A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida” (Flick, 2009, p. 20), como também por se tratar de uma pesquisa que articula com diversos métodos. A pesquisa qualitativa foi escolhida pela relação que ela tem com o tema abordado em analisar o contexto escolar no qual o docente Surdo está inserido e suas relações “[...] em que realmente vivem, onde as pessoas vão estar desempenhando seus papéis cotidianos” (Yin, 2016, p. 29). Yin (2006) nos

apresenta as cinco principais características da pesquisa qualitativa que estão de acordo com o tema abordado:

1. estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real; 2. representar as opiniões e perspectivas das pessoas (rotuladas neste livro como os participantes de um estudo; 3. abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem; 4. contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e 5. esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte (Yin, 2016, p. 29).

A História de Vida foi escolhida como método de coleta de dados, pois foi o que mais se aproximou dos objetivos propostos, ou seja, compreender como ocorrem as relações entre docentes Surdos e o contexto escolar. O método é relevante, pois trabalha com as percepções dos participantes, deixando-os livres, sem questões fechadas, para que possam relatar suas experiências e percepções. O método de História de Vida pretende falar com indivíduos e não sobre os indivíduos, sem a participação deles, pois como nos aponta Antunes (2012) “[...] a metodologia de História de Vida é especialmente profícua para a Educação Especial e outras áreas que lidam com grupos historicamente excluídos, pois nos permite falar com os sujeitos e não sobre eles” (Antunes, 2012, p.78). Fala que vai ao encontro das percepções de Glat e Pletsch (2009).

Por privilegiar, tanto na coleta quanto na análise dos dados, a visão dos sujeitos participantes, este método traz em si uma vantagem ao estudar o discurso de grupos marginalizados, pois permite ao pesquisador se desvencilhar de seus próprios pré-conceitos e representações estereotipadas (Glat, Pletsch, 2009, p. 149).

O método História de Vida é explicado por Glat *et al* (2004) como um método composto por entrevistas abertas, sem um roteiro, ou seja, que permite aos participantes relatarem livremente suas experiências, considerando um contexto específico de suas vidas.

Sendo assim, iremos partir da questão-chave, pedindo a cada participante que fale sobre ser docente e suas relações no contexto escolar. Portelli (2010) ressalta que a entrevista deve ser um espaço aberto para a narração dos participantes, e não apenas um momento de extração mecânica de informações, o pesquisador deve estar aberto para ouvir o participante.

Spindola e Santos (2003) completam:

[...]uma investigação que priorize a informação do entrevistado exige uma aproximação do pesquisador com os pesquisados para que se estabeleça um contato, uma relação de confiança. Essa modalidade de pesquisa tem no

ambiente a fonte direta dos dados e o pesquisador como seu principal instrumento. É caracterizada pela obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, valorizando-se mais o processo que o produto, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes, isto é o significado que eles atribuem às coisas e à vida. Dessa forma, são percebidos como as pessoas mais importantes no processo (Spindola; Santos, 2003, p. 21).

Ainda em relação ao método, é importante ressaltar o que foi apontado por Spindola e Santos (2003) e Antunes (2012) sobre o pesquisador não se importar com a veracidade dos fatos levantados na pesquisa, e sim com o ponto de vista dos entrevistados ao apresentar os fatos. Portelli (2010) reflete que nós não damos voz aos participantes e sim eles que nos dão a voz, e com essa voz podemos escrever as nossas produções. Vasconcelos *et al* (2016) em sua publicação *História de Vida de Líderes Surdos: um Estudo a Partir da sua Trajetória em Movimentos Sociais* apresentam que a metodologia de História de Vida foi adequada à pesquisa com Surdos, pois aproximou os pesquisadores da compreensão cultural desse povo, possibilitando sua expressão livre em suas narrativas.

Sendo assim, foram organizadas entrevistas com os participantes, que são os docentes Surdos que atuam na rede municipal de Juiz de Fora, nas disciplinas de Libras, com intuito de alcançar o nosso objetivo geral: compreender as percepções dos docentes Surdos sobre as relações sociais e profissionais estabelecidas entre eles e a comunidade escolar na qual estão inseridos. Para isso pedimos aos participantes que falassem sobre a sua trajetória de vida escolar e profissional enquanto Surdo. Segundo Antunes (2012), o papel do pesquisador é mediar, podendo fazer perguntas que possam esclarecer ou aprofundar em algum tema para a pesquisa.

As entrevistas foram individuais, os convites para participação da pesquisa foram enviados aos 13 docentes Surdos de Libras, entretanto recebemos a resposta positiva de participação de apenas quatro, entre os demais, dois justificaram falta de tempo, um se negou em participar, sem justificativa, e seis não responderam ao convite. O tempo de duração das entrevistas foi de acordo com o seu desenvolvimento, até esgotarem o assunto, variando entre 30 e 55 minutos. Glat *et al* (2004), baseados em Bertaux (1980), explicam que esse momento é chamado de ponto de saturação das entrevistas. Glat e Pletsch (2009) apontam que na metodologia de história de vida “Não há duração limite para a entrevista, que varia de acordo com a disposição do sujeito, se encerrando quando o depoente não tem mais nada a acrescentar. Não há, igualmente, uma determinação rígida quanto ao número mínimo de sujeitos a serem entrevistados” (Glat, Pletsch, 2009, p. 143).

O contato inicial com os participantes se deu de forma online através do Google Forms, onde foram apresentados os objetivos da pesquisa, a metodologia e o termo de consentimento. O formulário foi encaminhado para o *Whatsapp* dos possíveis participantes. As entrevistas ocorreram também de forma online e síncrona pela plataforma *Stream Yard*, que possui a opção de gravação e participação simultânea dos participantes. Flick (2009) relata que a modalidade online é mais interessante, pois não necessita de deslocamento do participante que muitas vezes não dispõe de tempo para participar de pesquisa, havendo uma maior aderência. A gravação em vídeo da entrevista foi essencial na pesquisa por se tratar de Surdos sinalizantes. A Libras é uma língua visuoespacial e o seu registro em vídeo possibilitou a tradução e a transcrição.

A tradução e transcrição ocorreu após cada entrevista e as análises foram realizadas ao longo da pesquisa. De acordo com Glat *et al* (2004), essa forma de organização auxilia o pesquisador na percepção do ponto de saturação. Após as gravações dos vídeos, as entrevistas em Libras foram traduzidas para português, por voz, criando áudios que foram transcritos pela ferramenta “Digitação por voz”, do Google Docs. Todo o processo foi conferido para que não houvesse falhas na interpretação. Após esse processo, tivemos os textos transcritos para a análise final.

As análises foram estabelecidas de acordo com as temáticas apresentadas nas entrevistas e refletidas com apoio do referencial teórico da pesquisa, entretanto, de acordo com Glat *et al* (2004), esses processos irão seguir o ritmo da pesquisa em relação às falas dos participantes, podendo surgir possíveis categorias de análise:

Essas categorias de análise, entretanto, não são, como em métodos mais diretos, preestabelecidas pelo pesquisador; ao contrário, emergem, naturalmente, da dinâmica estabelecida no processo de análise dos depoimentos sendo, posteriormente, interpretadas à luz do referencial teórico escolhido. É interessante observar que, por vezes, o próprio referencial teórico adotado pelo pesquisador se transforma em função da análise dos depoimentos (Glat, Pletsch, 2009, p. 144).

As categorias de análises foram organizadas nos seguintes tópicos: “Ouvintismo”, “Os Estudos Surdos na desconstrução do ouvintismo” e “Ser docente”. Usamos também a interseccionalidade como ferramenta analítica dos dados levantados, como é apresentado por Collins e Bilge (2021) um olhar interseccional nos auxilia em compreensão mais ampla diante das diferenças e como essas diferenças são percebidas no meio social, ou seja, com preconceitos ou não.

Como procedimento ético, as identidades dos entrevistados e das escolas pesquisadas foram preservadas, tendo seus nomes trocados por nomes fictícios após a devida submissão e aprovação ao Comitê de Ética da UFJF.

6. NARRATIVAS DAS/DOS DOCENTES SURDAS/SURDOS

Iremos apresentar e discutir neste capítulo as narrativas dos docentes Surdos diante da questão-chave, de como são as relações com a gestão e demais docentes ouvintes que atuam no contexto educacional. A metodologia de pesquisa desta dissertação possibilitou que os participantes pudessem expor suas percepções e sentimentos sobre suas experiências.

6.1 Educação de Surdos na Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora

O processo de educação pensado nas especificidades dos discentes Surdos na rede municipal de ensino de Juiz de Fora teve início em 1998 com um curso de formação de professores e intérpretes de Libras para atuarem com alunos Surdos (Martins, 2015). Martins (2015) apresenta, em sua pesquisa publicada na revista da Secretaria de Educação de Juiz de Fora, *Cadernos para o Professor*, como a educação para Surdos se iniciou na rede municipal de ensino. A primeira escola a receber esses profissionais e ser considerada polo de Educação de Surdos foi a Escola Municipal Cecília Meireles. Grazzinoli (2022) apresenta que, inicialmente em parceria entre a Secretaria de Educação e as Secretarias de Saúde e Assistência Social, foi criado o Programa Especializado de Atendimento à Criança Escolar (PEACE) com uma equipe transdisciplinar para atender os alunos com deficiência. Em 2006 o programa passou a ser Núcleo Especializado de Atendimento à Criança Escolar (NEACE), agora vinculado à Supervisão de Atenção à Educação na Diversidade (SAEDI). Martins (2015) ressalta que os alunos surdos frequentavam o NEACE no contraturno, recebendo atendimentos com o ensino da Língua de Sinais como Língua Materna (L1) e do Português como segunda língua (L2). Grazzinoli (2022) cita como os NEACE's passaram a ser os CAEE's que estão funcionando atualmente.

Posteriormente, os NEACE's passaram por reformulações em adequações à Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI/2008), sendo denominados agora de Centros de Atendimento Educacional Especializado (CAEE's), atendendo às determinações das Notas Técnicas nº 9/2010 e nº 11/2010, que estabelecem orientações para a organização de Centros de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) e das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), respectivamente (Grazzinoli, 2022, p. 17).

Em 2006 foram organizadas formações ministradas pela professora Luciana Oliveira e a criação de uma banca avaliadora da proficiência em Libras dos profissionais que iriam atuar com os discentes Surdos da rede. Os dois primeiros docentes Surdos iniciaram na rede no ano de 2010 com o objetivo de estimular o processo de aquisição de Libras como L1 nos discentes Surdos. A quantidade de professores Surdos na rede foi expandida em 2013 (Martins, 2015).

No ano de 2012 teve início o projeto de escola bilíngue na Escola Municipal Oswaldo Velloso, no bairro Santa Luzia, “[...] em parceria com o NEACE SUL” (Martins, 2015, p. 55), com o ensino de Libras para todos os alunos, Surdos e ouvintes, como também os demais profissionais da escola (Silvério, 2014), no ano de 2013 já havia um consolidado, com diversos membros da escola se comunicando em Libras (PJF, 2013). A proposta permanece até os dias atuais e se estendeu para mais uma escola da rede, a Escola Municipal Dr. Cássio Vieira Marques, no bairro Vila Montanhesa.

Ainda no ano de 2012 foi criada, na Secretaria de Educação da rede municipal de ensino, um curso de formação continuada para todos os profissionais que atuavam como professores e intérpretes de Libras. (Martins, 2015).

A rede municipal de ensino de Juiz de Fora, no ano em que realizamos a pesquisa, em 2023, contava com 102 escolas, com mais de 41 mil alunos, nas modalidades de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA) (PJF, 2023).

Dentre as 102 escolas, identificamos 17 com discentes Surdos matriculados no Ensino Fundamental I e EJA fase I ou IV, que contam com docentes de Libras, Surdos e ouvintes, e nove escolas com discentes Surdos matriculados no Ensino Fundamental II e EJA fase V ao IX, com Intérpretes de Libras, todos ouvintes.

A rede municipal de Ensino de Juiz de Fora também conta com o Centro Educacional Especializado (CAEE), localizado no bairro Mariano Procópio, onde está situado o Núcleo de Atendimento Educacional Especializado de Surdos (NAEDES), onde os discentes Surdos recebem, no contraturno escolar, três atendimentos, sendo eles: Atendimento Libras como primeira Língua (L1), com práticas de desenvolvimento de Língua Materna, Atendimento de AEE em Libras, que consiste em práticas de conhecimentos gerais do mundo ministrados em Libras e Atendimento de Português como segunda Língua (L2), com práticas de Português escritos na modalidade de segunda Língua para Surdos.

A rede municipal de educação de Juiz de Fora está ampliando o ensino de Libras no município com um novo cargo, em processo pelo concurso vigente, de Docente de Libras como L2 para ouvintes, com o objetivo de promover o desenvolvimento da Libras entre todos, favorecendo a inclusão dos Surdos. Atualmente existem dois cargos na área de Libras que passam por editais anuais de contratação, o cargo de Intérprete Educacional de Libras e o de Docente de Libras, esse segundo cargo apresenta funções distintas a depender da vaga, podendo atuar como docente de Libras em sala comum com o aluno Surdo, a fim de acessibilizar o conteúdo e a aquisição da língua pelo aluno, docente de Libras para o ensino de L2 para ouvintes em salas comuns de escolas com propostas bilíngues e docente de *input* linguísticos de discentes Surdos em escolas com propostas bilíngues ou docente de Libras para atuar no CAEE.

6.2 Os participantes da Pesquisa

Como proposto inicialmente, o convite para a participação da pesquisa foi enviado por *Whatsapp* aos 13 docentes Surdos que atuam na rede municipal de Juiz de Fora, em escolas de ensino comum e CAEE's, entretanto, recebemos a resposta positiva de participação de apenas quatro, entre os demais dois justificaram falta de tempo, um se negou em participar, sem justificativa e seis não responderam ao convite. Nascimento (2023), em sua pesquisa sobre professores Surdos de Educação Física, apresenta o mesmo desafio em relação à adesão dos participantes convidados. O autor reflete sobre a possibilidade de haver uma resistência dos Surdos por se tratar de uma pesquisa encaminhada por ouvintes, pois até os Surdos são atravessados por esse sistema estrutural, o ouvintismo. Tal resistência pode se tratar de que, ao longo da história, muitos ouvintes destinavam suas pesquisas com o objetivo de discriminar os Surdos, falando por eles, como também interpretando suas falas de forma preconceituosa. Sendo assim, a pesquisa contou com quatro participantes, docentes Surdos Poliana, Diego, Isabela e Amanda:

Poliana,⁵ docente de Libras, com três anos de experiência, mulher trans, branca, Surda bilíngue Libras/Português escrito e oral, idade 37 anos, formada em Pedagogia com especialização em Libras, não tem filhos e sua língua de conforto é a Libras. Aos 19 anos, Poliana ingressou em uma Faculdade particular do município para estudar Direito, era a primeira e única Surda do curso, estudou alguns meses, mas precisou desistir, pois não recebeu o apoio financeiro da família para custear os estudos. Nesse período não tinha intérprete na instituição, mas estavam em processo de contratação. Após alguns anos, começou a trabalhar e conquistou sua independência financeira, podendo custear o curso de Pedagogia à distância de outra instituição privada, onde também cursou especialização em Libras. Ao concluir os cursos, iniciou como docente da rede municipal de Juiz de Fora em 2019. Poliana destaca que apesar de inicialmente desejar estudar Direito, atualmente se sente realizada em atuar como docente.

Diego, docente de Libras com nove anos de experiência, homem cis, branco, Surdo bilíngue Libras/Português escrito, idade 44 anos, formado em Magistério e Pedagogia Bilíngue, tem dois filhos e sua língua de conforto é a Libras. Iniciou a docência como instrutor de Libras em cursos particulares, ainda sem formação acadêmica, esteve alguns anos afastado da docência trabalhando em uma indústria, viu no curso de Magistério uma oportunidade de formação e após a conclusão iniciou sua experiência como docente de Libras na rede municipal de Juiz de Fora, onde permanece atuando. Recentemente formou-se em Pedagogia Bilíngue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), pois percebeu a

⁵ Os nomes dos participantes foram alterados como medida ética para preservar suas identidades.

necessidade de uma formação superior. Diego sempre gostou de lecionar e se sente feliz em atuar como docente e poder auxiliar no aprendizado de outros Surdos.

Isabella, docente de Libras com 10 anos de experiência, mulher cis, branca, Surda Bilíngue Libras/Português escrito e oral, idade 47 anos, formada em Letras Libras, tem dois filhos e sua língua de conforto é a Libras. Isabela inicialmente queria cursar o Ensino Superior em algum curso da área das exatas, matriculando-se em Administração e Contabilidade e posteriormente em Fisioterapia, cursos que foram abandonados após diversas barreiras comunicacionais, não tinha intérprete, e ela precisava contar a leitura labial dos docentes e colegas, o que não conseguia acompanhar pela dinâmica da turma, sempre atrasada no conteúdo. Ela chegou a trabalhar em alguns cargos na área administrativa, onde se desenvolveu bem, pois a comunicação não era o ponto principal e as interações com os colegas fluíam bem por ser oralizada e conseguia fazer leitura labial em conversas individuais. Já desanimada com o Ensino Superior, ingressou no curso de Letras-Libras, que tinha um polo no Rio de Janeiro, por indicação de um amigo que também fazia o curso, que a incentivou dizendo que era um bom curso e, se não gostasse, poderia desistir. Isabella não pensava em ser docente, mas após descobrir o curso e sua dinâmica com aulas em Libras ficou apaixonada pela docência e hoje se sente realizada em sua profissão, pois percebe que pode ajudar outros Surdos a se desenvolverem e também ser um modelo para os seus alunos. Ela atua no CAEE como docente de Libras.

Amanda, docente de Libras com 16 anos de experiência, mulher cis, branca, Surda bilíngue Libras/Português escrito e oral, idade 49 anos, formada em Magistério, Letras-Libras, Pedagogia Bilíngue e Especialização em Alfabetização e Letramento, tem dois filhos e sua língua de conforto é a Libras. Amanda iniciou a sua formação no curso de Nível Médio Magistério, com habilitação para atuar na Educação Infantil, teve algumas experiências com turmas de ouvintes, um pouco desanimada com a docência, migrou para área da Saúde em um cargo concursado, onde sofreu muitas discriminações. Após essa experiência, soube que seria ofertado no Rio de Janeiro um dos polos do curso de Letras-Libras e se interessou, formando-se com a primeira turma. Após formada, Amanda ingressou no Núcleo Especializado em Atendimento à Criança Escolar (NEACE), que posteriormente seria o CAEE da rede municipal de Juiz de Fora, onde atualmente é docente de Libras. Ela pretende continuar a sua formação com mestrado e doutorado na área educacional.

A partir das entrevistas com os docentes Surdos construímos três categorias de análises, sendo elas, “Ouvintismo”, “Os Estudos Surdos na desconstrução do ouvintismo” e “Ser docente”, que emergiram das principais temáticas apresentadas nas falas dos

participantes. A seguir iremos refletir sobre cada temática embasado nos referenciais teóricos da pesquisa.

6.3 Ouvintismo

Todas as interações humanas são mediadas pela linguagem, é nesse processo que desenvolvemos os nossos conhecimentos, sendo eles os mais diversos possível. Quando pretendemos adentrar em outra cultura precisamos inicialmente estudar a sua língua. Gomes (2019) apresenta que para os linguistas “[...]as línguas são o principal (alguns falam e “único”) meio pelo qual o homem apreende o mundo da natureza e o mundo da cultura. Reconhecemos que até mesmo indivíduos privados de língua apreendem a cultura do meio em que estão inseridos, mesmo não havendo uma comunicação efetiva. A língua seria o veículo da cultura, que por sua vez é a intermediação entre o homem e a natureza (Gomes, 2019, p. 24)”, que nem sempre ocorre de forma harmoniosa, pois o ser humano muitas vezes, nessa relação com a natureza, age de forma destrutiva. Melo, Rocha e Feitoza (2019) afirmam que a comunicação é própria do ser humano e está presente em todos os espaços.

Ao se pensar nas interações necessárias que devem ocorrer no contexto educacional, podemos perceber a necessidade da linguagem e da comunicação nesse espaço para que os profissionais da educação interajam entre si e com seus alunos. Melo, Rocha e Feitoza (2019) refletem que a docência não pode ser pensada de forma isolada do processo de comunicação e que, para que essa atividade profissional seja positiva, é necessário um processo de comunicação eficaz.

Ao adentrarmos a realidade dos docentes Surdos participantes da pesquisa, podemos constatar que eles atuam em contextos educacionais nos quais a língua majoritária, assim como em nossa sociedade, é o português oral, sendo a língua desses profissionais, a Libras, uma língua que não circula ativamente nesses espaços. Os docentes oralizados, ou seja, que aprenderam o português oral, não apresentaram, em seus relatos, grandes dificuldades comunicacionais, pois se adequaram à língua majoritária. Klein (2016) reflete sobre essa adequação esperada pela sociedade, pois não se trata apenas de uma adaptação e sim de uma relação de poder, em que a língua minoritária deve se submeter a língua majoritária. Amanda cita que em sua experiência enquanto docente Surda, não encontrou barreiras

comunicacionais, entretanto, ao acompanhar a experiência do esposo Surdo não oralizado, consegue perceber que há uma distinção.

Amanda: *Eu percebo, pela experiência do meu esposo e de outros amigos Surdos que não são oralizados, que na escola realmente existe preconceito, eles sofrem com a dificuldade na comunicação com os ouvintes.*

Um dos participantes da pesquisa, Diego, não é oralizado, e sua principal língua de comunicação é a Libras e tem o português escrito como segunda língua. Entre os desafios apresentados por ele na execução de sua profissão de docente está a comunicação. Diego relata que não havia comunicação com ele na escola e que, caso fosse necessário e urgente, a comunicação era feita através de mensagens de texto pelo celular, ou seja, português escrito. O mesmo ocorria nas reuniões pedagógicas que não contavam com a presença de um intérprete de Libras.

Diego: *Não havia comunicação comigo dentro da escola, se eu precisasse comunicar urgentemente, para algum aviso, eu acabava usando o celular como mensagem de texto escrevendo português, mas era uma comunicação mais rápida e também bem limitada.*

[...]

Diego: *Nas reuniões pedagógicas estavam todos compreendendo e eu ficava lá só observando todos conversando em português e eu não sabia o que que estava acontecendo. Entrava ano, passava ano e isso continuava, eu participava das reuniões sem saber o que tava acontecendo e não tinha presença do intérprete, aí uma vez ou outro o intérprete ia na reunião, mas não tinha uma sequência das informações e a compreensão ficava limitada. É isso, essa é a minha experiência dos nove anos que eu tenho na docência.*

Podemos perceber nas falas dos participantes que as relações no contexto escolar entre Surdos e Ouvintes são marcadas pelo ouvintismo, pois a escola não demonstrou nenhum movimento para que esse profissional compreendesse o que estava sendo falado nas reuniões. Tema já tratado em nosso texto, o ouvintismo é sistema de violência e opressão sofrida pelas

peças Surdas quando são vistas como peças incapazes por não ouvirem, como inferiores, e quando a Língua de Sinais não é aceita ou disponível nos espaços em que o Surdo participa, Perlin (2016). Silva e Ribeiro (2022) refletem que, assim como as demais formas de preconceito presentes em nossa sociedade, o ouvintismo é um sistema de opressão estrutural que influencia a vida dos Surdos através de barreiras, sendo elas sociais, comunicacionais, educacionais, entre outras, privando-os de seus direitos sociais e linguísticos.

Diego apresenta seu sacrifício em cumprir as demandas de reuniões da escola sem o acesso efetivo às informações ali apresentadas, ou seja, sendo privado de seu direito de acesso às informações em sua língua, a Libras.

Diego: *Eu sempre me sacrifico nestas reuniões, tendo que ficar ali quatro horas parado olhando todo mundo conversando sem saber o que estava acontecendo.*

Os Surdos sofrem com o processo de adequação, tendo seus corpos enquadrados em padrões de normalidade estabelecidos. Estudos recentes da decoloneidade apontam para a reflexão dos processos colonizadores, que vão além das posses de terras, ocorrendo também através da imposição de algumas culturas sobre as demais, as culturas colonizadas devem se sujeitar e adaptar às características das culturas colonizadoras. Padrões hegemônicos de perfeição e normalidade impostos, como nos aponta Pessoa.

[...] foram homens europeus heterossexuais que levaram a cabo a expansão colonial europeia e, assim, seus discursos racistas, homofóbicos, eurocêntricos e sexistas formavam estruturas hierárquicas em termos de raça, gênero, classe, sexualidade, espiritualidade, epistemologia, língua etc. (Pessoa, 2002, p. 10).

Tais pensamentos geram diversos preconceitos e estigmas sobre os indivíduos que não se enquadram nesses requisitos pré-estabelecidos, dentre eles, o ouvintismo. O “[...] colonialismo, através do ouvintismo, insiste em afirmar como a negação de determinados sujeitos, identificando neles a anormalidade, marginalizando-o e estigmatizando-o em nome de um padrão, de uma regra, de uma língua(gem)” (Silva; Ribeiro, 2022, p. 6). Ladd (2013) também reflete a respeito do processo colonizador da hegemonia ouvintes sobre os Surdos, afirmando que os processos de colonização não ocorrem apenas por meios econômicos, mas também por estabelecimento de padrões culturais, incluindo a língua, que são impostos aos Surdos, sendo as comunidades Surdas objetos de colonização. Considerando-os como objetos

e tirando deles a humanidade, “em uma sociedade marcada pela normatividade e, nesta, pelo signo do ouvintismo, a ausência da audição também nega aos surdos, na lógica ouvintista, a condição de humanidade” (Silva; Ribeiro, 2022, p. 6). Nas palavras de Skliar, ouvintismo trata-se de:

[...] um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais (Skliar, 2016, p. 15).

Diego reconhece que ele e os demais colegas Surdos sofrem preconceitos e discriminações no contexto educacional em que atuam. Como Amanda, ele também pontua que o tipo de discriminação pode variar, acreditamos que sejam por questões relacionadas entre os Surdos oralizados e não oralizados. O participante traz uma fala instigante ao justificar que há docentes que se esforçam mais e outros menos, ao se tratar de um grupo estigmatizado, o esforço para se enquadrar no padrão imposto é absorvido, sendo assim, os mais esforçados sofrem menos, como ocorre no processo de oralização descrito por Klein (2016).

Diego: *Tem diferença entre os professores Surdos, cada professor surdo sofre um tipo de discriminação, alguns mais outros menos. Tem também a questão de professores que se esforçam mais e professores que se esforçam menos.*

Outro conceito que se apresenta relevante para a nossa discussão é o de capacitismo. Vendramin (2019), Oliveira e Silva (2021), Marchesan e Carpenedo (2021) e Lage, Lunardelli e Kawakami (2023) conceituam o termo como preconceito em relação às pessoas com deficiência, as quais os corpos não se enquadram nos padrões, considerando-as incapazes. Tal preconceito pode ocorrer de forma objetiva ou sublimar, muitas vezes a própria vítima não reconhece que se tratar de um preconceito, pois está camuflado em uma boa ação, como reflete Lage, Lunardelli e Kawakami:

[...] comportamentos capacitistas podem acontecer de forma subliminar por meio de demonstrações ditas piedosas ou de expressões preconceituosas revestidas de caráter filantrópico relacionadas às características físicas ou mentais de indivíduos considerados com deficiência. O capacitismo também

se revela de forma explícita por meio de expressões e olhares ofensivos e distanciamento corporal (Lage; Lunardelli; Kawakami, 2023, p. 01).

A partir do relato de Diego sobre como ocorre o processo de avaliação dos docentes Surdos na escola que atuou, pode-se considerar que se trata de capacitismo, pois as avaliações foram realizadas sem o conhecimento prévio do trabalho do profissional, considerando que, por ser Surdo, com certeza sua avaliação seria negativa, invalidando sua capacidade de produzir um bom trabalho.

Diego: *O que acontece é que às vezes esses professores ouvintes ou os coordenadores não conseguem avaliar o trabalho do professor surdo e às vezes avalia os trabalhos de forma negativa por falta de conhecimento da identidade surda. Já aconteceu comigo, eu me esforcei e organizei um bom material, mas a visão das outras pessoas é uma visão negativa do trabalho. Entretanto, quando tem uma interação comunicacional, eles me perguntam como eu tô desenvolvendo o trabalho e aí eles conseguem compreender, eles percebem que o trabalho está sendo bem desenvolvido.*

Situação também relatada por Amanda ao descrever o processo de avaliação profissional de docentes Surdos, do seu esposo e demais conhecidos, confirmando que o processo de avaliação é baseado em uma ação capacitista por parte dos profissionais ouvintes que avaliam esses docentes, pois os docentes ouvintes que atuam com Libras, mesmo não sendo fluentes nessa língua, recebem avaliações positivas.

Amanda: *Meu esposo já recebeu uma avaliação negativa do seu trabalho por falta de comunicação, pois ele não recebeu as informações corretamente. E o mesmo aconteceu com outros Surdos, mas eles não recebiam as orientações pedagógicas necessárias, e a avaliação do trabalho pedagógico deles era negativo, entretanto muitos ouvintes que trabalham com Libras e não tem fluência na língua recebem sempre avaliações positivas. A escola precisa chamar intérpretes para interpretar as orientações dos coordenadores e diretores, não ignorar e depois avaliar mal.*

Outras manifestações de preconceitos podemos constatar nas falas de Diego e Isabella. Ambos relatam que, no contexto escolar, os docentes Surdos são deixados de lado. Destacamos a fala de Diego ao dizer [...] *o professor regente não me reconhece como professor parceiro, mas sim como um simples auxiliar[...]*, o docente Surdo não é considerado um profissional com tal habilitação, mas sim um cargo que não exige uma formação superior, o que mostra o capacitismo em se estabelecer que um Surdo não poderia concluir uma formação superior. Isabella confirma a solidão na qual os docentes Surdos atuam ao observar a dinâmica da escola através de suas visitas. Essa invisibilidade é descrita por Vendramin como consequência do capacitismo: “A invisibilidade opera como um desvio do olhar, diminuição ou negligenciamento da presença do ‘outro desviante’, ao qual não se sabe lidar ou causa desconforto (Vendramin, 2019, p. 19).

Diego: *Sinto que às vezes que sou deixado de lado dentro da sala de aula, por ciúmes do professor regente de mim com os alunos que ele acha que são deles ou porque o professor regente não me reconhece como professor parceiro, mas sim como um simples auxiliar, sinto como falta de respeito com o professor Surdo.*

Isabella: *No meu trabalho no CAEE eu faço muitas visitas em diversas escolas que têm professores Surdos e percebo alguns problemas, algumas limitações de profissionais que não querem interagir com os Surdos e esses docentes Surdos estão sozinhos nas escolas. Por ser um espaço maior, as pessoas que atuam não têm consciência.*

Amanda: *O professor Surdo é ignorado na escola, não há uma interação entre os profissionais para a realização do trabalho em parceria, as obrigações são jogadas para ele. Vejo que os profissionais ouvintes não se esforçam para se comunicar com os Surdos, eles não têm boa vontade de interagir com os Surdos. É um trabalho egoísta, como se eles fossem os únicos professores da turma e o professor Surdo apenas um auxiliar.*

Amanda destaca que esse movimento de rejeição não se dá apenas por parte dos colegas, mas também da direção.

Amanda: *Os líderes das escolas não aceitam os Surdos, não aceitam a Língua dos Surdos. Como os demais professores irão aceitar? Não há modelo. Eu desenvolvi porque tive muitos profissionais que me orientaram no CAEE, mas os professores Surdos que estão nas escolas não recebem esse apoio.*

Amanda relembra algumas experiências antes da docência que são fortemente marcadas pelo ouvintismo, os demais colegas de trabalho, ouvintes, a ignoravam por saber que ela era Surda, não aceitando sua diferença, ação capacitista talvez por considerar que ali não deveria ser o seu lugar. Entretanto, quando ela falava oralmente, eles ficaram admirados, e a consideravam inteligente, pois estaria seguindo o padrão de normalidade. A participante sofria com o ouvintismo, pois só era considerada capaz ao falar e, sendo assim, deveria assumir tarefas que muitas vezes não conseguia, pois exigia a audição, sendo novamente considerada incapaz por não conseguir se adequar ao padrão exigido.

Amanda: *Nos trabalhos eu não era aceita por ser Surda, quando eu conseguia me expor eles ficaram admirados, diziam que eu era inteligente, mas mesmo assim me discriminavam e exigiam que o meu trabalho fosse como os dos ouvintes, mas muitas coisas eu perdia por não ouvir. E eu não conseguia me impor; eu guardava tudo, o que me levou para um quadro depressivo e diversas reações alérgicas emocionais.*

No início da nossa entrevista Amanda afirmou nunca ter passado por situações de preconceito no contexto educacional em que atua, na educação de Surdos no CAEE mas, após lembrar as experiências negativas sofridas pelo esposo e por outros docentes Surdos, ela lembra de fatos que ocorreram em uma escola que atuou como professora de Libras. A função citada por ela, professora articuladora, é um cargo de docente de Libras da rede municipal que atua nas escolas com propostas bilíngues, Libras/português, com o ensino de Libras para todas as turmas da escola, sendo assim, não é professor que atua com aluno Surdo, mas sim com os ouvintes. Essas aulas são ministradas com a presença do professor regente para que

esse possa também aprender a língua para comunicar-se com os alunos Surdos da escola. De acordo com o relato da Amanda, mesmo com essa orientação, muitos professores ignoram a aula de Libras e saem da sala, em outras situações ela se sente constrangida com o comportamento de deboche dos professores, sentindo-se inferiorizada com essas atitudes. Podemos constatar que “[...] quando o capacitismo é óbvio e visível, ele declara uma outra coisa, ele mostra o quanto esse preconceito ainda é naturalizado como se fosse aceitável ou inevitável” (Vendramin, 2019, p. 18). Mais uma vez o ouvintismo e o capacitismo aparecem nas falas dos docentes participantes da pesquisa.

***Amanda:** Me lembrei de uma experiência como professora articuladora em outra escola, eu me senti desrespeitada ou discriminada lá, eu entrava em sala com os professores ouvintes para ensinar Libras, para eles e para os alunos, mas muitos professores ignoravam a minha presença, não assistiam a minha aula, no meio da aula ficavam conversando com os alunos, corrigiam atividades, outros saíam e só voltavam quando a aula terminava. Uma vez a turma estava muito agitada e eu tentando acalmá-los e vi a professora da sala com mais uma debochando de mim, com certeza achando que eu não daria conta da turma por ser Surda. Eles agiam como se fossem melhores do que eu.*

A partir dos relatos dos docentes Surdos participantes, podemos constatar que as relações estabelecidas nos contextos educacionais que atuam muitas vezes se apresentam de forma conflituosa, marcados pelo ouvintismo, como se não fossem espaço a serem ocupados por Surdos, ressaltando que ainda há muito ouvintismo na educação. Skliar (2016) destaca que o ouvintismo não se limita aos espaços das instituições educacionais e sim em toda a sociedade.

Em meu trabalho na Secretaria de Educação da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, faço parte de uma equipe que visita escolas com profissionais de Libras com o objetivo de orientar toda a equipe pedagógica sobre a atuação com discentes Surdos. Em algumas dessas visitas, fomos questionados se não poderiam trocar o docente Surdo da escola por um docente ouvinte, pois facilitaria o trabalho. Muitos profissionais ouvintes, da Educação, são resistentes em atuarem com Surdos, demonstrando a falta de preparo e conhecimento, resultando em preconceitos.

Silva e Ribeiro (2022) relembra que o ouvintismo não foi criado pelos Surdos, mas sim por nós ouvintes, que reproduzimos as marcas do colonialismo ao nos relacionarmos com os outros, um sistema estrutural de opressão que sustentamos. O reconhecimento desse movimento em nós diz sobre a “[...] nossa humanidade, de nossa incompletude, de nossa existência como um processo de estar sendo no mundo” (Silva; Ribeiro, 2022, p. 15). E é nesse processo que poderemos mudar nosso pensamento e, conseqüentemente, nossas ações diante do ouvintismo e dos demais preconceitos. Lage, Lunardelli e Kawakami (2023) destacam que a melhor forma de combater o capacitismo é através da informação, com a divulgação de informações sobre as reais características dos grupos estigmatizados.

6.4 Os Estudos Surdos na desconstrução do ouvintismo

Como vimos no tópico anterior, muitos Surdos ainda sofrem com o ouvintismo através da imposição do oralismo e com o capacitismo, por não serem considerados capazes de ter uma vida como os demais, principalmente no trabalho. Muitos desses estereótipos vêm da falta de realmente conhecer os Surdos, conviver com eles, comunicar na língua deles, ou seja, adentrar o mundo Surdo através da comunidade Surda. Lage, Lunardelli e Kawakami (2023) reconhecem a importância do conhecimento para a diminuição do capacitismo. Skliar (2016) destaca a importância dos Estudos Surdos com o intuito de desconstruir o pensamento hegemônico de que há um problema com os Surdos e com a sua língua, sua cultura e suas identidades.

Essa falta de conhecimento que acarreta atitudes ouvintistas e capacitistas são reconhecidas por Diego ao relatar o preconceito vivido e ter como estratégia ignorar, por saber que são indivíduos desinformados. Amanda apresenta a mesma percepção.

Diego: *Eu já vi as pessoas falando de mim, mas eu nem ligo, deixa para lá, entendeu? Porque é falta de conhecimento, os professores da escola, faltam para eles conhecimentos sobre quem eu sou.*

Amanda: *Após muitos anos de experiência, eu percebi que o preconceito das pessoas ouvintes da sociedade é por falta de conhecimentos, de conhecer quem é o Surdo.*

Através das falas das participantes Isabella, Amanda e Poliana, podemos identificar que realmente o conhecimento sobre os Estudos Surdos podem favorecer o processo de inclusão desses docentes Surdos, reconhecendo suas potencialidades. Isabella e Amanda atuam no CAEE e se sentem incluídas nesse espaço, pois além de ser um espaço onde a Libras circula entre os profissionais da educação de Surdos e os discentes Surdos, os demais profissionais por atuarem com as diferenças possuem outro olhar sobre os Surdos.

Isabella: *Eu nunca trabalhei em escola, desde que comecei eu só trabalhei no CAEE, então eu sinto que o CAEE acolhe os Surdos, porque lá eles atuam com diversas deficiências, eu me sinto muito bem lá. Tem intérpretes de Libras, alguns profissionais que atuam no CAEE sabem um pouco de Libras também, por exemplo, o professor de Português como L2, as coordenadoras, outros professores também, então dá para interagir, não há preconceito ou discriminação.*

Amanda: *A minha experiência no CAEE é positiva, sou respeitada e valorizada, mas eu visitei muitas escolas que professores Surdos trabalham e percebo que existe muito preconceito, os ouvintes não acreditam nas capacidades dos Surdos, falta conhecimento.*

Poliana também apresenta uma experiência positiva na escola em que atua, onde interage bem com os profissionais ouvintes e se sente acolhida. Ela justifica que isso ocorre pelos profissionais já terem tido a experiência com outros docentes Surdos. O que podemos concluir é que a escola, ao receber os discentes e docentes Surdos, iniciaram um movimento de formação sobre os Estudos Surdos e a Libras, o que é reforçado pela afirmação de que os docentes de Matemática e Português são interessados em Libras.

Poliana: *Na escola em que trabalho atualmente eu acho tudo muito positivo, fui muito acolhida, as interações com as professoras, com diretora e com a coordenadora foram sempre tranquilas, os professores trabalhavam em parceria comigo, tanto a professora de Referência 1 como a de Referência 2, pois já teve professor Surdo na escola.*

[...]

Poliana: *A professora de Português está sempre me procurando e interagindo comigo, a professora de Matemática também, a nossa interação é muito boa, todos os dias nós três interagimos sobre o planejamento e desenvolvimento da aluna. Esses professores têm interesse pela Libras.*

O processo de formação dos profissionais da educação através dos Estudos Surdos, como aponta Skliar (2016), é essencial para uma mudança de postura diante dos docentes e discentes Surdos. Amanda destaca que essa iniciativa deve se dar por parte dos gestores.

Amanda: *Os professores precisam estudar sobre o Surdo, mas a gestão escolar também, inclusive, eles devem servir de modelo para os demais profissionais da escola, pois como eles irão cobrar se eles mesmos não fazem essas formações? O líder precisa valorizar o trabalho do Surdo, eles precisam orientar com amor, e não deixar eles com o trabalho e depois no final avaliar negativo.*

Ao relatar a sua relação com a diretora da escola, Poliana destaca o seu interesse por aprender Libras e que por ela ser Surda oralizada a comunicação ocorre nas duas línguas.

Poliana: *A comunicação com os ouvintes acontece nas duas línguas, Libras e Português por sinalização e oralização. Com a diretora tenho uma boa comunicação, ela também começou a aprender Libras, ela sempre me pergunta alguns sinais, por exemplo, sinais básicos de atrasado, de bom dia, boa tarde, todo dia ela me pergunta um sinal novo. Então a gente tem muito contato, conversamos muito pessoalmente e também pelo WhatsApp, ela me explica as coisas, questões da religião dela, ela me pergunta sinais e eu vou passando, sempre com muito respeito.*

As experiências apontadas neste tópico apresentam um movimento dos profissionais ouvintes em reconhecerem quem são os Surdos através da informações sobre os Estudos

Surdos e transformações de atitudes diante deles. Nesse contexto, o ambiente de trabalho e as práticas pedagógicas desses profissionais se dão com mais qualidade, pois participam de uma equipe onde são respeitados. Satisfação que podemos perceber na fala da Amanda ao relatar como foi iniciar na Rede Municipal de Educação.

Amanda: *Quando eu entrei na prefeitura foi muito diferente, eu não sofri nenhum tipo de discriminação, as pessoas valorizavam o meu trabalho, as minhas pesquisas, reconheciam os meus conhecimentos e não havia disputa. Os profissionais da prefeitura sabem as capacidades dos Surdos e estimulam. Minha experiência como professora da rede municipal de ensino de Juiz de Fora sempre foi ótima, eu nunca me senti discriminada, me sinto bem e respeitada, valorizada.*

Amanda traz um relato de que é possível fazer diferente, ao contar sobre a postura da coordenadora diante do docente Surdo. Nesse relato podemos perceber que antes do movimento para eliminação da barreira linguística, a coordenadora rompeu com a barreira atitudinal (Sasaki, 2009), pois ela não foi capacitista, reconheceu as potencialidades dos docentes, entretanto seria necessário aprender Libras para que a interação ocorresse e seu trabalho de orientadora pudesse ser efetivado.

Amanda: *Em uma escola que eu visito a coordenadora queria aprender Libras para comunicar com o professor Surdo sinalizante. O que ela fazia? Chamava ele todos os dias para conversar e através de diversos recursos ela aprendeu Libras, em dois meses eles estavam comunicando bem e assim ela conseguia orientá-lo e ajudar nas suas dificuldades. Falta a aceitação da Língua do Surdo, e tentar aprender pelo contato, essa líder teve essa iniciativa e o Surdo se sentiu valorizado e seu desempenho melhorou muito. Mas muitas escolas os líderes não aceitam.*

A fala de Diego fortalece as opiniões dos autores de que através do conhecimento os preconceitos poderão ser quebrados, pois muitas pessoas são capacitistas e ouvintistas por não conhecerem os Estudos Surdos, que demonstram as especificidades dos Surdos como

pertencentes de outro grupo linguístico e, por consequência, outra cultura e outras identidades e não indivíduos incapacitados pela falta de audição.

Diego: *O problema da exclusão acontece pela falta de conhecimento que as pessoas têm sobre o Surdo, elas não sabem se ele é burro ou inteligente, essas visões que as pessoas têm dos surdos são visões preconceituosas. Elas não conhecem sobre os Surdos e sobre a comunidade Surda, mas também não nos procuram para esclarecermos.*

Elas não sabem que têm surdos famosos em diversos países, com mestrado e doutorado, quando os ouvintes começam a ter conhecimento de quem é o Surdo, o preconceito diminui. Mas as pessoas não conhecem, então elas têm essa visão negativa sobre o assunto, mas elas não perguntam para nós, elas só imaginam, isso é uma dificuldade.

No contexto educacional, esse movimento de conhecimento se faz ainda mais urgente, pois além de proporcionar aos docentes Surdos um ambiente possível para o trabalho, irá também mudar a visão que se tem dos alunos, proporcionando uma efetiva inclusão deles.

Diego: *Outra questão é a coordenação, a direção, eles precisam compreender que o professor Surdo tem uma identidade profissional. Esses profissionais às vezes sabem sobre inclusão mas não sabem sobre Surdo e não conseguem nos orientar e também nos avaliam mal por falta de conhecimento.*

Amanda: *Eu percebo que muitos professores ouvintes pensam que os alunos Surdos são doentes e que nunca vão desenvolver e que o trabalho com eles é perda de tempo.*

O conhecer os Surdos vai além de saber que eles existem e que ocupam espaços sociais, é necessário conhecer a sua língua, sua Cultura e Identidades, participando da comunidade Surda, interagindo com eles, para que não fiquemos presos a preconceitos e estereótipos reproduzidos socialmente.

6.5 Ser Docente

Ser docente em uma sociedade em que a profissão não é valorizada é um desafio, pois muitas vezes somos estimulados a procurar outras profissões mais lucrativas ou que nos dê mais status sociais. Entretanto, mantemo-nos firmes mesmo com os diversos desafios encontrados. Ao pensar nesses desafios, deparamo-nos com a fala de Poliana ao resumir o que é ser docente.

Poliana: *Eu amo a minha profissão, porque é uma profissão diferente, o professor tem um objetivo de estimular os alunos, ver o desenvolvimento deles.*

Ainda são poucas as pesquisas que se dedicam à investigação de docentes Surdos, sobre suas identidades, suas formações e nenhuma sobre os processos de inclusão desse grupo. Acreditamos que tal fato ocorre por se tratar de uma profissão acessível aos Surdos recentemente, com as aprovações das legislações de direito à intérpretes de Libras os cursos de licenciatura passaram a ser acessados pelos Surdos e, posteriormente, com a criação dos cursos de licenciatura em Letras-Libras, que além de ter como língua de instrução a Libras, as temáticas de estudos são pautadas nessa língua.

Klein (2016), ao refletir sobre o processo de formação do Surdo trabalhador, destaca a grande exigência de transformação dos Surdos para se tornarem aceitáveis à sociedade dos que ouvem através da influência da visão clínico-terapêutica, na qual as terapias de fala são consideradas como formas de superar a deficiência. Podemos constatar essa visão na fala de Amanda ao ser considerada inteligente, ou seja, aceitável por falar, tendo sua surdez negada.

Amanda: *Muitos falam que sou inteligente porque eu falo português, eles não acreditam que sou Surda, eles não conseguem compreender que sou uma Surda que fala.*

Muitos pais e profissionais acreditam que algumas profissões são condizentes com os Surdos, como informática, desenho, a marcenaria, que são atividades que exigem atenção, concentração, trabalho mais individual e sem a necessidade de muito grande contato com

público, Klein (2016). A fala de Isabella está diretamente relacionada com a reflexão de Klein (2016), pois além de ser aceitável ao ter sua deficiência superada ao falar, pela concepção social ouvinte, ela se desenvolveu bem em um trabalho que não exigia contato com o público, como também trabalhava de forma mais isolada na organização dos documentos.

Isabella: *Eu já tive alguns trabalhos na área administrativa, como eu falo português muito bem e também consigo compreender as pessoas, eu não tive dificuldades comunicativas nesses trabalhos, pois minhas interações também eram poucas, eu trabalhava mais com os documentos. Eram trabalhos tranquilos, eu interagia bem com as pessoas, elas me respeitam, também não sofri nenhum preconceito.*

Com os cursos de licenciaturas mais acessíveis, podemos observar que a profissão docente nem sempre é a primeira opção dos Surdos, e sim a mais acessível, como afirma Oliveira (2018). De acordo com Almeida, Nogueira e Queiroz (2010), as pesquisas sociológicas apontam que as escolhas para os cursos de formação de docentes estão relacionadas às condições sociais, perfil acadêmico, etnia, sexo e idade dos indivíduos. Eles tenderiam a escolher cursos mais condizentes com o seu perfil. O que podemos observar nas falas das participantes Poliana e Isabella, que cursaram uma formação docente por questões sociais ou de acessibilidade linguística.

Poliana: *A princípio eu queria estudar direito, ser advogada, mas não consegui por falta de apoio da minha família, e na época eu não podia pagar. Cheguei a iniciar o curso, mas precisei desistir. Depois que comecei a trabalhar eu mesma paguei a minha faculdade de Pedagogia, depois cursei pós em Libras e hoje trabalho como professora e me sinto feliz.*

Isabella: *Eu tentei fazer faculdade de Administração, Contabilidade e Fisioterapia e me senti mal nesses cursos, pois não conseguia acompanhar as explicações dos professores, por não ter a acessibilidade em Libras me senti muito desmotivada. Então comecei a estudar para diversos concursos, mas não conseguia aprovação.*

[...]

Isabella: *Eu não tinha interesse em ser professora, mas após ter tentado sem sucesso cursar algumas faculdades e não ser aprovada nos concursos, eu estava procurando trabalho. Um amigo Surdo me disse que estava cursando Letras Libras no Rio e estava gostando muito e era para tentar também, eu disse que não tinha interesse em ser professora, ele disse pra eu tentar, se eu não gostasse podia desistir. Em 2008 eu fiz o vestibular e fui aprovada para estudar no polo do INES no Rio de Janeiro. Eu comecei a estudar à distância e me apaixonei, a interação em Libras, com diversos Surdos, comecei a entender todos os conteúdos com clareza, tinha as videoaulas todas em Libras e os textos complementares de todas as disciplinas. Nesse momento eu amei e continuo amando até hoje.*

Após iniciar os cursos de licenciatura e terem contato com a profissão docente, especificamente docentes de Libras, podemos observar uma mudança no interesse dos participantes pela área. Ou seja, após a apropriação da cultura, dos valores e das práticas da profissão, podemos afirmar o desenvolvimento de uma identidade profissional, identidade docente. Morgado (2011) ressalta que essa identidade docente não se desenvolve de forma desassociada das identidades e experiências de vida dos docentes, que são constituídas ao longo da vida e podem ser consideradas como identidades que se entrelaçam de acordo com cada experiência. De acordo com Penin (2009), ao adentrar em um determinado grupo, como os docentes, que o indivíduo se identifica, é desenvolvida a necessidade básica humana, a de pertencimento a um grupo, e essa convivência diária contribui para o desenvolvimento de sua identidade. A autora esclarece como essa fusão entre personalidade e profissão é compreendida.

[...] possível entender a palavra profissionalidade como a fusão dos termos profissão e personalidade. O termo profissionalização indica o processo de formação de um sujeito numa profissão, que se inicia com a formação inicial e atravessa todos os momentos de formação continuada. Impossível esse processo ocorrer sem a transformação do próprio sujeito, que por sua vez dialoga com a transformação da realidade. Formação inicial e continuada são parte, portanto, de um mesmo processo de formação profissional (Penin, 2009, p. 3).

A identidade docente está em constante construção e transformação e essas mudanças ocorrem em relação à história de vida de cada indivíduo. No processo de narração dessas histórias, essas identidades são identificadas e consolidadas, como afirmam Corrêa, Ferreira e

Liechocki (2020, p. 12) “[...] falar de si, narrar a própria história para si e para o outro, constitui um processo formativo para o(a) professor(a) sobre a sua identidade docente.” Micarello (2006) esclarece que a construção da identidade profissional não ocorre de forma individual, mas sim através dos discursos e os papéis historicamente atribuídos a ele, ocorrendo sempre de forma dialética com o meio em que o profissional está inserido.

Amanda: *Eu iniciei a minha formação no curso de Magistério, após formada eu comecei a trabalhar em uma escola particular com uma turma do maternal de alunos ouvintes, na época eu não tinha ainda uma identidade Surda, eu me apoiava na oralização e nas minhas leituras, a direção da escola também me via como ouvinte, pois eu falo muito bem e consigo ouvir, mas não era por preconceito e sim falta de informação, eu também não sabia. Mas eu sofria, me sentia com baixa autoestima por não conseguir me comunicar bem com as crianças, eu dava atividades, mas a comunicação não ocorria, na época eu não sabia que estava prejudicando-os, mas me incomodava e eu desisti do cargo.*

Na fala de Amanda podemos identificar que por ser Surda mas não ter desenvolvido essa identidade, sua relação com uma turma de bebês ouvintes foi comprometida por não se identificar. Como aponta Penin (2009), ela não desenvolveu sua identidade docente com essa experiência profissional. Nóvoa descreve como esse processo é construído “A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (Nóvoa, 2013, p.16).

Amanda: *Em 2001 eu comecei a ter contato com a Libras, em 2002 conheci o meu esposo que também é Surdo e ele me ensinou muito, depois quando iniciei no curso de Letras-Libras e tive contato com diversos Surdos, eu me identifiquei ainda mais como Surda, pois percebi que haviam diversos Surdos com características diferentes, alguns oralizados outros não.*

Após ter contato com outros Surdos e perceber que as identidades Surdas também são múltiplas, havendo dentro da Comunidade Surda Surdos oralizados e sinalizantes, ela se identifica como Surda e sua identidade começa a ser desenvolvida. Como já mencionado, as identidades de um indivíduo não são isoladas, elas se inter cruzam, ao se tratar de docentes Surdos, podemos constatar a forte presença de sua identidade Surda na constituição de sua identidade docente, sendo profissionais que se identificam com o ensino de Libras, principalmente para os seus pares, ou seja, outros Surdos.

Amanda: *Após dois anos cursando Letras-Libras, eu consegui uma vaga na rede municipal de ensino de Juiz de Fora, onde tinha profissionais que conheciam o tema da Surdez e interagiram muito bem comigo, outro diferencial é que comecei a trabalhar com crianças Surdas, gosto muito de ensinar crianças Surdas, neste trabalho minha autoestima se elevou.*

Amanda se identifica como Surda e começa a cursar licenciatura Letras-Libras, desenvolvendo uma identidade docente Surda de Libras que passa a fazer parte de um grupo o qual se identifica, no qual faz trocas significativas, pois trabalha com profissionais que desenvolvem o mesmo trabalho e a reconhecem enquanto membro do grupo. Tardif (2002) reflete sobre a importância da socialização na profissão, pois a partir desse processo se constrói e se experimenta a sua identidade profissional. Os professores “[...]constroem sua identidade profissional e os saberes que mobilizam em sua prática tendo como referência suas experiências anteriores, acadêmicas e/ou pessoais e nas interações com outros sujeitos” (Micarello, 2006, p. 31). Conceituação também definida por Ferro e Araújo (2012) ao explicar que a identidade docente é desenvolvida no processo de ser professor, em seus valores éticos, morais e culturais, baseadas em sua formação cultural e nas relações sociais estabelecidas no processo de formação.

Amanda: *Eu desenvolvi minha prática docente observando e trocando experiências com os profissionais que atuei, Surdos e ouvintes, e também através das formações que obtive. Muitos ouvintes aprenderam Libras em contato comigo.*

Diego enfrentou muitos desafios no processo de construção de sua identidade docente, acentuado pela falta de acessibilidade linguística na escola em que atuava, não conseguindo acompanhar as orientações apresentadas nas reuniões, entretanto, contou com a socialização com docentes Surdos mais experientes de outras escolas, desenvolvendo sua prática conforme apresentado por Tardif (2002) na troca com o outro.

Diego: *Quando eu comecei a trabalhar como professor, há nove anos, eu tive vários problemas de comunicação dentro da escola com a diretora, com a coordenadora e com outros professores ouvintes. Por não ter a Libras na escola faltava para mim muita informação, por exemplo, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola eu não tinha acesso através da Libras, ele não era explicado para mim, eu não sabia as regras de atuar numa escola, pois estava iniciando e uma vez ou outra tinha um intérprete em alguma reunião, mas era bem difícil. Isso era um problema, o grupo de professores Surdos mais experientes que atuavam em outras escolas é que me passaram essas informações, essas regras, pois dentro da escola eu não recebia.*

A identidade profissional é constituída através das interações e vivências de cada indivíduo. Poliana apresenta uma experiência nova ao atuar como técnica da Secretaria de Educação, cargo para o qual foi convidada após não poder assumir como Professora do Ensino Colaborativo, o que poderia ser recebido de forma negativa pela profissional, pois lhe foi negado o cargo que escolhera. Entretanto, ao ir para o cargo técnico, Poliana desenvolveu uma nova identidade, condizente com essas funções, que não está separada das demais que carregam seus valores culturais, éticos e morais.

Poliana: *Como sou pedagoga, eu peguei contrato no cargo de Professora do Ensino Colaborativo em 2022, quando eu cheguei na escola a diretora ficou preocupada porque era para eu trabalhar com um aluno com Síndrome de Down e aí ela ficou pensando como que resolver, por causa da minha comunicação com ele, eu sendo Surda, aí ela ligou para Secretaria, aí eu fiquei aguardando. Fui chamada na Secretaria de Educação pela supervisora e fui convidada para trabalhar lá na equipe da Surdez, eu aceitei fazer essa troca do cargo,*

eu fui a primeira surda trabalhar em um cargo dentro da Secretaria de Educação, desde então atuo lá e gosto muito. É um cargo mais técnico, diferente da docência, gosto muito dessa experiência.

Diego e Amanda apresentaram desejo pela profissão docente mesmo antes de uma formação superior, ambos atuavam como instrutores de Libras na Associação de Surdos, enquanto Isabella e Poliana tentaram outras profissões e, por barreiras encontradas, optaram pela docência, mas se identificaram e se declaram realizadas na profissão.

Os caminhos de construção das identidades profissionais dos docentes participantes da pesquisa foram distintos, porém todos apresentam uma identidade docente Surda, pois são profissionais Surdos que atuam no ensino de Libras para discentes Surdos, que trazem para a sua formação docente a experiência cultural da Comunidade Surda, seus valores morais e éticos com a perspectiva de fazerem a diferença na vida de seus alunos, proporcionando experiências mais positivas do que as que receberam em seus processos de educacionais.

6.6 Interseccionalidade: a identidade surda para além da surdez

O termo interseccionalidade, formulado por Kimberlé Crenshaw em 1989, já apresentado no texto, trata de uma designação para as diversas opressões sociais que são sobrepostas a um indivíduo, sendo este exposto a várias formas de preconceitos, tais quais de raça, gênero, etnia, religião, entre outros. Collins e Bilge (2021) refletem sobre o conceito de interseccionalidade e apresentam que se trata de uma ferramenta analítica capaz de entender e explicar as experiências humanas, as relações de poder de um determinado período, que se sobrepõe sobre um mesmo indivíduo pertencente a grupos historicamente marginalizados.

Em nossa pesquisa propomos refletir sobre as experiências dos participantes pautando uma perspectiva interseccional. Através do formulário prévio enviado aos participantes, todos se declararam brancos, sendo duas mulheres cis, uma mulher trans e um homem hetero. Diante dos perfis dos participantes, podemos destacar que há, além do marcador identitário da surdez, outros marcadores de identidade como ser mulher e ser trans, que são as algumas das muitas identidades que sofrem preconceitos e violência em nossa sociedade. Entretanto, essas questões não aparecem nas entrevistas como sendo motivadores de discriminação onde atuam como docentes.

De acordo com Werle (2005), historicamente a profissão docente está diretamente ligada ao cuidar, sendo que esse cuidar parte de uma concepção cultural como tarefa exclusivamente feminina. Sendo assim, a função docente é destinada a mulheres, sendo elas a maioria na profissão, o que podemos concluir como um não marcador de preconceito nesse espaço, pois já é teoricamente destinado a elas.

A questão do gênero da participante Poliana, mulher trans, também não foi apresentada por ela como um marcador de preconceito nem foi identificado pelas pesquisadoras nas falas da entrevista. O que não exclui a possibilidade que isso ocorra no contexto educacional, como podemos evidenciar na pesquisa de Franco (2004) ao tratar de professoras trans, em que elas passam por situações preconceituosas nos contextos educacionais em que atuam como docentes. Como a temática do trabalho era falar sobre a questão de preconceitos sobre o ser Surdo, essa identidade se sobrepõe às demais identidades dos participantes. Poliana está inserida em um contexto muito positivo, em que se sente feliz com sua profissão, incluída em todas as atividades e organizações da escola, tendo uma boa relação com todos, inclusive com a família de sua aluna, o que pode favorecer a não percepção de outras formas de discriminação.

Poliana: *Eu participo de todas as reuniões pedagógicas, e por iniciativa minha, eu pedi antes para ter uma abertura na pauta para colocar o dia do surdo, que é o dia de 26 de setembro, e foi colocado. E no momento da reunião eu apresentei o meu planejamento, com a organização de um mural na escola com QR Code de vídeo em Libras explicando, iremos apresentar vídeos de poesias feitas pelos alunos surdos e um filme sobre a temática, a diretora liberou.*

[...]

Poliana: *A relação com a família é muito tranquila, perfeita, a gente interage muito bem, no momento que a gente se encontrou ela já me pediu meu WhatsApp a gente começou a ter contato. A mãe da aluna me pediu a minha ajuda para as atividades de casa, eu falei, se eu tiver no horário livre eu posso apoiar, fazer chamada de vídeo para auxiliar nas atividades, mas são poucas dúvidas que ela tem e me liga.*

Portanto, podemos concluir que a Identidade Surda está além do fator biológico da surdez, ela é viva, está em constante transformação, rica de cultura e saberes próprios que são compartilhados, acarretando transformações também em quem decide conhecê-la melhor.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa conseguimos responder as questões-problema propostas e podemos afirmar que as relações sociais e profissionais entre docentes Surdos e a comunidade escolar na qual estão inseridos se estabelecem de formas diversas a depender do contexto. Em algumas escolas essas relações são marcadas por preconceitos, estigmas e estereótipos em relação ao docente Surdo, impondo uma nota negativa ao seu trabalho sem avaliá-lo de forma precisa, desconsiderando a língua desses profissionais e isolando-os como se não pertencessem ao grupo de docentes. Em outras escolas as relações já se apresentam de forma mais harmoniosa, em que esses docentes Surdos realmente estão incluídos nesses espaços, como pertencentes ao grupo de docentes e a comunidade escolar, onde podem interagir, trocar experiências e se sentir respeitados. As hipóteses para tais diferenças foram apontadas como consequências dos conhecimentos adquiridos pelos profissionais ouvintes, os que já haviam trabalhado com Surdos ou com a inclusão apresentaram menos preconceitos do que os que não haviam tido nenhum contato. Sendo assim, podemos considerar a fala de Skliar (2016) sobre a importância dos Estudos Surdos para a quebra do ouvintismo, ou seja, a imposição social de que todos os Surdos precisam ser oralizados, pois esse é o padrão de normalidade.

Dessa forma, podemos concluir que a visão clínico-terapêutica, que impõe ao Surdo um padrão de normalidade que deve ser atingido através de terapias e cirurgias para o desenvolvimento da oralização, ainda, atualmente, sobrepõe-se à visão socioantropológica, em que o Surdo é reconhecido como indivíduo linguisticamente diferente, que interage com o mundo através da visão, desenvolvendo uma cultura própria. Entretanto, podemos perceber que mesmo com essa sobreposição, a visão socioantropológica vem ganhando espaço através dos Estudos Surdos.

Tais respostas foram levantadas através da metodologia de pesquisa História de Vida, que propõe a investigação sobre os participantes em determinado contexto ou período da vida. Organizamos junto aos participantes, de forma individual, entrevistas abertas, partindo da questão-chave: fale sobre ser docente e suas relações no contexto escolar. Todas as entrevistas foram online e gravadas pela plataforma *Stream Yard*. Os participantes ficaram livres para expressarem suas experiências. Ao todo contamos com quatro participantes, os dados foram organizados em três tópicos temáticos: “Ouvintismo”, “Os Estudos Surdos na desconstrução do ouvintismo” e “Ser Docente”. A metodologia foi extremamente relevante para que

pudéssemos atingir os objetivos propostos, pois proporcionou aos participantes a liberdade de se expressarem sem a influência da pesquisadora.

Os objetivos específicos propostos foram alcançados ao identificar que as relações que envolvem a docência e a surdez são marcadas pelas identidades profissionais dos docentes Surdos, desenvolvidas através de suas experiências de vida e relações profissionais. Sendo assim, as identidades Surdas apresentam uma forte influência na formação das identidades docentes dos Surdos. Considerando a interseccionalidade com as demais diferenças, podemos constatar que, na pesquisa, não houve nenhuma menção às questões de preconceito de gênero vivido por eles, o que se deve ao fato de não direcionarmos nenhuma questão a essa temática nas entrevistas, o que pode ser realizado em uma pesquisa posterior, onde a interseccionalidade possa ser mais explorada. Conseguimos, através dos relatos, conhecer um pouco da trajetória de vida e profissional dos Surdos docentes, o quanto de desafios foram enfrentados por eles para que pudessem concluir o Ensino Superior, além dos desafios linguísticos, pela falta de acessibilidade em Língua de Sinais, ouve os desafios do ouvintismo e de questões financeiras.

Por fim, os resultados aqui apresentados nos levam a refletir sobre a necessidade de mais pesquisas que possam apresentar as realidades dos Surdos, principalmente os docentes, pois são mais escassas. Essas pesquisas possibilitam a reflexão sobre os desafios enfrentados pelo povo Surdo e as possíveis estratégias para a mudança desse panorama.

Como possibilidade de continuidade a esse trabalho em pesquisas futuras, uma temática que se apresentou importante é como ocorreu o processo de formação dos profissionais das escolas nas quais os docentes Surdos sentem-se realmente incluídos, qual o diferencial. Uma pesquisa com essa temática ampliaria as possibilidades para que novos grupos pudessem também receber a mesma formação e, por consequência, uma mudança de postura diante dos Surdos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Philippe Oliveira de, ARAÚJO, Luana Adriano. DisCrit: os limites da interseccionalidade para pensar sobre a pessoa negra com deficiência. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 10, n. 2, p.611-641, 2020. Disponível em: <https://www.publicacoes.uniceub.br/RBPP/article/view/6861>. Acesso em 22 de jan. de 2023.

ALMEIDA, Flávia Juliana; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; QUEIROZ, Kelly Aparecida de Souza. **A escolha da carreira docente: complexificando a abordagem sociológica**. Vertentes, v. 19, n. 1, 2010. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%201/Claudio_Nogueira_e_outros.pdf. Acesso em 5 de jan. 2024.

AMORIM, Cassiano C.; ANTUNES, Katiúscia C. V.; SANTIAGO Mylene C. Inclusão no Ensino Superior: um processo em pauta na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Doxa: **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**. Araraquara, v. 21, n. 2, p. 334–348, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/13104>. Acesso em 10 de jan. de 2023.

ANTUNES, Katiúscia C. V. **História de Vida de alunos com deficiência intelectual: percurso escolar e a constituição do sujeito**. 2012. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/10330/1/Tese_Katiúscia%20Cristina%20Vargas%20Antunes.pdf. Acesso em 08 de abril de 2023.

ALVES, J. **Serra da Mantiqueira: Liberdade, transformações e permanências**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

BAALBAKI, Ângela; CALDAS, Beatriz. Impacto do Congresso de Milão sobre as Línguas de Sinais. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XV, n. 5, p. 1885-1895, agosto de 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_2/156.pdf. Acesso em 4 de jan. de 2023.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 dez. 2005.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 abr. 2002.

BRASIL. A Lei 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 6 jun. 2015.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CARVALHO, Rosana Passos Quitério de. **O PROFESSOR SURDO**: um estudo sobre a constituição de sua profissão docente. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) Universidade de Taubaté. Taubaté, p. 121. 2018. Disponível em: <http://repositorio.unitau.br/jspui/bitstream/20.500.11874/5650/1/Rosana%20Passos%20Quitério%20de%20Carvalho.pdf>. Acesso em 28 de nov. de 2022.

COLLINS, Patricia Hill, BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. – 1. ed. – São Paulo : Boitempo, 2020. Disponível em : http://www.ser.pucpr.br/2_COLLINS.pdf Acesso em 4 de jan. de 2023.

CORRÊA, N. C. B.; FERREIRA, J. de L.; LIECHOCKI, B. K. História de vida e formação de professores: uma pesquisa do tipo estado da arte. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 11, n. 00, p. e020024, 2020. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v11i.8513. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/8513>. Acesso em 5 jan. 2024.

DENARI, Fátima Elisabeth, COLOMBO, Isabella Mota. Ensino, tradução e interpretação em línguas de sinais: intersecções entre gênero, raça e etnia. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 26, Campinas, 2021. Disponível em : <https://doi.org/10.24220/2318-0870v26e2021a5287>. Acesso em 16 de jan. de 2023.

ESCOLAS MUNICIPAIS INICIAM PERÍODO LETIVO 2023 NESTA QUARTA-FEIRA, 1º. **Prefeitura Juiz de Fora**, 2023. Disponível em: [https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=78553#:~:text=A%20Rede%20Municipal%20conta%20com,Jovens%20e%20Adultos%20\(EJA\)>](https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=78553#:~:text=A%20Rede%20Municipal%20conta%20com,Jovens%20e%20Adultos%20(EJA)>). Acesso em 29, out. 2023.

"ESCOLA BILÍNGUE" – E.M. OSWALDO VELLOSO PROPÕE AULAS MINISTRADAS EM LIBRAS E AMPLIA COMUNICAÇÃO ENTRE OS ALUNOS. **Prefeitura Juiz de Fora**, 2013. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=41051>. Acesso em 5 nov. 2023.

FELIPE, Tanya Amara. Por uma proposta de educação bilíngue. In: STROBEL, Karin Lilian; DIAS, Sylvania Maia. **Surdez**: abordagem geral. Rio de Janeiro: FENEIS, 1995, p. 58-63.

FERRO, Juliane P. ARAUJO, Elson L. A identidade docente no Ensino Superior: formação e atuação profissional. In: ARAÚJO, D. A. de C., NOGUEIRA, E.G. D., BEZERRA, G.F. (Organizadores). **Identidade, Docência e Inclusão**: Itinerários da pesquisa em Educação. Editora CRV. Curitiba, PR: 2012. 168p.

FRANCO, Neil. **Professoras trans brasileiras**: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar. Tese (Doutorado em Educação) – Programa em Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREITAS, Luiz Carlos Barros de. **A internet e a Educação a distância dos Surdos no Brasil**: Uma experiência de integração em um meio excludente. PUC – RIO 2009
Disponível em:
<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=14750@1>
Acesso em 16 de jan. de 2023.

FREITAS, Marcos Cezar de e SANTOS, Larissa Xavier dos. Interseccionalidades e a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2021, v. 51 Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cp/a/644x3dWqRP5ydLJ94BPHc5C/>. Acesso em 21 de dez. de 2023.

GESSER, Audrei. Do patológico ao cultural na surdez: Para além de ou de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (Orgs.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2004, p. 278-309.

GESSER, Marivete, BLOCK. Pamela, MELLO, Anahí Guedes. de. Estudos da deficiência: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. In: GESSER, Marivete, BÖCK, Geisa Letícia. Kempfer, LOPES, Paula Helena. (org.) **Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: CRV, 2020.

GLAT, R. *et al.* **O método de história de vida na pesquisa em Educação Especial**. Revista Brasileira de Educação Especial. Marília. v. 10, a. 3, p. 235-250. Maio – Agosto, 2004. Disponível em:
<https://educa.fcc.org.br/pdf/rbee/v10n02/v10n02a09.pdf>. Acesso em 8 de abril de 2023.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GOMES, Márcio Pereira. **Antropologia**. 2º ed, 9 reimpressão, São Paulo: Editora Contexto, 2019.

GRAZZINOLI, Raquel Xavier. **Ensino colaborativo no município de Juiz de Fora**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, São Paulo, p. 102. 2022. Disponível em:
https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/739926/2/grazzinoli_rx_me_prud.pdf
Acesso em 3 de jan. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Trad.) Tomaz Tadeu da Silva, Guaraci Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

KLEIN, Madalena. Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador. In: SKILIAR, Carlos. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2016.

LAGE, Aline Lima da Silveira. **Professores Surdos na casa dos Surdos**: “Demorou muito, mas voltaram”. Tese (Doutorado Programa de Programa de Pós-Graduação em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, p.515.2019. Disponível

em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7377094. Acesso em 28 de nov. de 2022.

LAGE, Sandra Regina Moitinho; ALVARES LUNARDELLI, Rosane Suely; TISSA KAWAKAMI, Tatiana. O Capacitismo e suas formas de opressão nas ações do dia a dia.

Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 28, 2023.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/93040>. Acesso em 16 jan. 2024.

LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura:** um conceito antropológico. 14^a ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.

MAIA, Maria I. S. A importância da história dos surdos para o avanço da educação.

Revista Porto das Letras, Porto Nacional, TO, v. 03, n 1. Estudos Linguísticos, p. 101-111, dez.2017. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4765>

Acesso em 4 de jan. de 2023.

MANTOAN, Maria. T. É. **Inclusão escolar:** O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, P. T. C. A Igualdade de Oportunidades e a Surdez: Existe uma escola Justa? In:

Revista Cadernos para o Professor. Ano XXII, n. 29 (Jan- Jul. 2015). Juiz de Fora.

Secretaria de Educação – Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, p. 44-58, 2015.

MARCHESAN, A.; CARPENEDO, R. F. CAPACITISMO: ENTRE A DESIGNAÇÃO E A SIGNIFICAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. Trama, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 40, p. 56–66, 2021. Disponível em:

<https://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/view/26199>

Acesso em 16 jan. 2024.

MARQUES, Luciana Pacheco, GUSMÃO, Luka de Carvalho, JESUS, Alan Willian de.

OS DISCURSOS SOBRE AS DIFERENÇAS NA EDUCAÇÃO: da negação à utopia freiriana da comunhão na escola. **Revista OLHARES**, v. 9, n. 3. Guarulhos, novembro de 2021. Disponível em:

<https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/12428>

Acesso em 26 de jan. de 2023.

MAZACOTTE, Andrea Carolina Bernal. História de vida de uma professora surda e sua prática pedagógica na educação básica. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino). UNIOESTE. 2018. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8193909 Acesso em 04 de jul. 2023.

MELO, Zilma N. de, ROCHA, Antônia J. P. FEITOZA, Alonso À. P. Barreiras

Comunicativas na Prática Docente: Relato de Experiência. **Anais VI CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em:

<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/59448>

Acesso em 7 de jan. 2024.

MICARELLO, Hilda A. L. da S. **Professores da pré-escola: trabalho, saberes e processos de construção de identidade**. Tese (Doutorado em Educação do Departamento de Educação). PUC-Rio. 2006. Disponível em: <https://grupoinfoc.com.br/publicacoes/doutorado/d14.pdf>
Acesso em 06 de jan. 2024.

MORGADO, José Carlos. Identidade e profissionalidade docente: sentidos (im)possibilidades. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 793-812, out/dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n73/04.pdf>
Acesso em 5 de jan. 2024.

NASCIMENTO, Rodrigo Ribeiro. **Histórias e trajetórias formativas e profissionais de professores de Educação Física surdos**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Juiz de Fora, p. 121, 2023. Disponível em:
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/15791/1/rodrigoribeironascimento.pdf>
Acesso em 3 de jan. 2024.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2013. p. 11-30. Coleção Ciências da Educação.

OLIVEIRA, Marinalva S. SILVA, Maria do C. L. da. O Aprofundamento do Capacitismo na Pandemia: velhas facetas do capital. **Revista Trabalho, Política e Sociedade**. v. 6, n. 10, p. 259-272, jan.-jun./2021. Disponível em:
[https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/texto-2-o-aprofundamento-do-capacitismo-\(1\)-202304012021430063640.pdf](https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/texto-2-o-aprofundamento-do-capacitismo-(1)-202304012021430063640.pdf) Acesso em 16 de jan. 2024.

OLIVEIRA, Reany de. **PROFESSOR SURDO: NEGOCIAÇÕES DE IDENTIDADE NO ENSINO SUPERIOR**. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-graduação em Educação) Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, p.122.2018. Disponível em:
<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6884/MULLER,%20CRISTIANE%20RAMOS.pdf?isAllowed=y&sequence=1> Acesso em 29 de nov. de 2022.

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. **Profissão docente**. Ano XIX, n. 14, 2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012181.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

PERLIN, Gladis T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 51-75.

PESSOA, R. “Nós da colonialidade e formação docente”. In LANDULFO, C.; MATOS, D. (org.). **Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. Campinas: Pontes, 2002.

PLETSCH, M. D. GLAT, R. O método de história de vida em pesquisas sobre auto-percepção de pessoas com necessidades educacionais especiais. **Revista Educação Especial**, v. 22, p. 139-153, 2009. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/268> Acesso em 08 de abril de 2023. Acesso em

PIZZIO, Aline Lemos de; QUADROS, Ronice Müller de. **Aquisição da linguagem**. Florianópolis: UFSC, 2011.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Mnemosine**. V.6, n. 2, p. 2-13, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/download/41498/28767> Acesso em 4 de jul. de 2023.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice. M. de; STUMPF, Marianne. R. O primeiro curso de graduação em letras língua brasileira de sinais: educação a distância. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 169–185, jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/984> Acesso em 23 de jan. de 2023.

ROCHA, Leliane Aparecida Castro. **Histórias de Vida: trajetórias formativa e profissional de professores surdos**. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP – São Bernardo do Campo. 2020. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2027> Acesso em 4 jul. 2023.

SANTIAGO, Mylene. C. **Laboratório de Aprendizagem: das Políticas às Práticas de Inclusão e Exclusão em Educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa em Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANTIAGO, Mylene. C. Trajetória de Pesquisa: A Autobiografia como Experiência Formativa. **Revista Prática de Linguagens**, Juiz de Fora, v. 10 n. 2, p. 119 –128, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/praticasdelinguagem/issue/view/1523>. Acesso em 3 de jan. de 2023.

SANTOS, Mônica P. dos; SANTIAGO, Mylene C. As múltiplas Dimensões do Currículo no Processo de Inclusão e Exclusão em Educação. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, PB, v. 3, n. 2, p. 548-562, março 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/9665>. Acesso em 3 de jan. de 2023.

SANTOS, Mônica P. dos; SANTIAGO, Mylene C. Com deficiência, mulher e refugiada: uma tríade omnileticamente interseccional. **Revista Educação Especial**, v. 34, n. 69, p. 1–17. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/67656> Acesso em 13 de jan. de 2023.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação**, ano 5, nº 24, p. 1-17. 2002.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SILVA, Aline G. da. RIBEIRO, Tiago. Interseccionalidades e Surdez: em busca de um bilinguismo antirracista e anticapacitista. **Revista Espaço do Currículo**. v. 15, n. 1, p. 1-16. João Pessoa. 2022. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php> Acesso em 05 jul. de 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A política e a epistemologia do corpo normalizado. **Revista Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, RJ, n. 8, p 5-17, Dez 1997. Disponível em: <http://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/issue/view/8> Acesso em 23 dez. de 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.), HALL, S.WOODWARD K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Luana Luzia da. **O DOCENTE SURDO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: SIGNIFICAÇÕES SOBRE SER PROFESSOR**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Alagoas. Maceió, p.83.2020. Disponível em: <https://prezi.com/p/movn2vki2dop/o-docente-surdo-na-educacao-superior-sentidos-e-significacoes-dos-sobre-ser-professor/> Acesso em 29 de nov. de 2022.

SKLIAR, Carlos. A educação para os Surdos entre a Pedagogia Especial e as Políticas para as Diferenças. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO INES. **Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngüe para Surdos**. Rio de Janeiro: INES, 1997.

SKLIAR, Carlos. B. Educação & Exclusão, Abordagens Sócio-Antropológicas em educação Especial. In SKLIAR, C. B.(Org.) **Uma perspectiva sócio-histórica sobre psicologia e educação dos surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 7-32.

SILVÉRIO, Carla Couto de Paula. **Investigando uma proposta educacional bilíngüe (libras/português) em uma escola da rede municipal de Juiz de Fora**. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014. p. 115. Disponível em: <https://mestrado.caedufjf.net/investigando-uma-proposta-educacional-bilingue-librasportugues-em-uma-escola-da-rede-municipal-de-juiz-de-fora/> Acesso em 5 de nov. de 2023.

SPINDOLA, Thelma. SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?) **Revista Escola de Enfermagem**, USP. v. 37 n. 2, p. 119-26, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/rvCVnHXs6RSXnK7vBgDGL5t/> Acesso em 4 jul. de 2023.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

STROBEL, Karin Lilian. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis/RJ: Arara Azul, 2004. p. 18-37.

SOLOMON, Andrew. **Longe da Árvore: Pais, filhos e a busca da identidade**. Donaldson M. Garschagen, Luiz A. de Araújo, Pedro Maia Soares (Trads). Companhia Das Letras, 2013.

SOUZA, Regina M. **Que palavra que te falta?** linguística, educação e surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Tradução de Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2002.

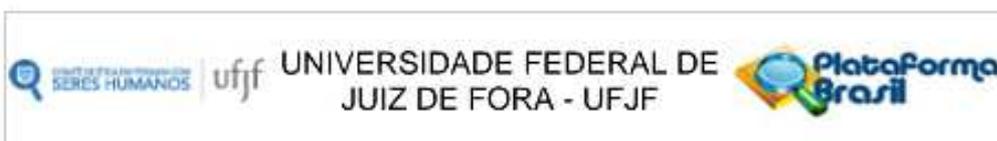
THOMA, Adriana da Silva. A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema. In: THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (org.). **A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

VASCONCELOS, Norma A. e L. M. de L. História de Vida de Líderes Surdos: um Estudo a Partir da sua Trajetória em Movimentos Sociais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 22, n. 1, p. 79-92, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/m5tYbGgyd8DSkhFJxk76CLL/?lang=pt> Acesso em 4 de julho de 2023.

VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o Capacitismo. **Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**. 2019. UNICAMP. Disponível em <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/simpac/article/view/4389> Acesso em: 16 de jan. de 2024.

WERLE, Flávia O. C. Práticas de gestão e feminização do magistério. **Cadernos de Pesquisa** v. 35, n. 126, dez de 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000300005>. Acesso em 15 de jan. 2024.

YIN, Robert. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Interações sociais e profissionais entre professores surdos e a comunidade escolar

Pesquisador: Queila Érica Taligliatti de Souza

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 70920323.0.0000.5147

Instituição Proponente: Universidade Federal de Juiz de Fora UFJF

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

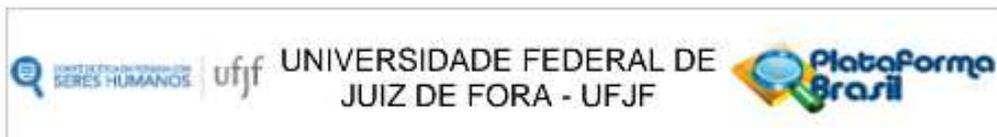
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.331.414

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2164089.pdf 08/08/2023 12:55:28)

Introdução: "Ao longo da história, os Surdos enfrentaram grandes desafios na sociedade; segregações, estigmatizações e muitos acontecimentos cruéis. Em diversas sociedades os Surdos não eram aceitos e nem considerados humanos. Como nos apresenta Maia (2017, p.102), "[...] a história dos surdos é marcada por tragédias." Na antiguidade eram mortos; na idade média eles tinham o direito à vida, mas não ao convívio social tendo sido considerados como destituídos de alma pela Igreja Católica. Na idade moderna, com os avanços da ciência, passaram a ser vistos como doentes a serem curados (MAIA, 2017). Na perspectiva patologizante da modernidade, o Surdo deve ser curado através de terapias que o possibilitem falar oralmente e fazer leitura labial, passando-se por ouvinte, ou, mais recentemente, tornando-se ouvinte ao ser submetido a processos cirúrgicos ou ao uso de próteses (GESSER, 2004; SKLIAR, 2001), que na maioria das vezes não apresentam o resultado esperado. De tal maneira, o Surdo foi e ainda é marcado como um indivíduo aberrante, que deve ser redimido à normalidade, sendo que "[...] as marcas da normalidade e o discurso médico terapêutico são constituidores do sujeito surdo como patológico, doente, como um sujeito a recuperar." (THOMA, 2004, p.59). Tal perspectiva tem por marco o Congresso de Milão, ocorrido em 1880, evento organizado por intelectuais da época, para



Continuação do Parecer: 6.331.414

| | | | | |
|--|--------------------------------------|------------------------|--------------------------------------|--------|
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetoQueila.pdf | 07/08/2023 19:13:09 | Queila Érica Taligliatti de Souza | Aceito |
| Outros | roteiro.pdf | 07/08/2023 18:47:17 | Queila Érica Taligliatti de Souza | Aceito |
| Outros | Formularioconvite.pdf | 07/08/2023 18:46:19 | Queila Érica Taligliatti de Souza | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | Autorizacao_de_Pesquisa_assinada.pdf | 07/08/2023 18:43:59 | Queila Érica Taligliatti de Souza | Aceito |
| Outros | Curriculodaorientadora.pdf | 27/06/2023 16:08:18 | Queila Érica Taligliatti de Souza | Aceito |
| Outros | CurriculoQueila.pdf | 27/06/2023 16:05:48 | Queila Érica Taligliatti de Souza | Aceito |
| Outros | Termodesigilo.pdf | 23/06/2023 14:38:19 | Queila Érica Taligliatti de Souza | Aceito |
| Folha de Rosto | Folhaderosto.pdf | 23/06/2023 14:35:39 | Queila Érica Taligliatti de Souza | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 28 de Setembro de 2023

Assinado por:
Patrícia Aparecida Baumgratz de Paula
(Coordenador(a))

Autorização

Eu, Nádia de Oliveira Ribas, Secretária de Educação de Juiz de Fora, autorizo **Queila Érica Taligliatti de Souza**, mestranda em Educação da UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora, a desenvolver a pesquisa intitulada “Interações sociais e profissionais entre professores surdos e a comunidade escolar”. O objetivo central da pesquisa é compreender as percepções dos docentes Surdos sobre as relações sociais e profissionais estabelecidas entre eles e a comunidade escolar na qual estão inseridos.

A pesquisa é qualitativa e a História de Vida é o método de coleta de dados por ser especialmente profícuo para a Educação Especial e outras áreas que lidam com grupos historicamente excluídos, pois permite falar com os sujeitos e não sobre eles. Serão organizadas entrevistas com os participantes, docentes Surdos que atuam na rede municipal de Juiz de Fora. As entrevistas serão individuais, a quantidade de participantes será determinada pela quantidade de interessados em participar da pesquisa e o tempo de duração das entrevistas será de acordo com o desenvolvimento das mesmas. As análises serão estabelecidas de acordo com as temáticas apresentadas nas entrevistas e interpretadas com apoio do referencial teórico da pesquisa.

A pesquisadora deverá resguardar a participação voluntária, o sigilo, a privacidade, a não estigmatização dos participantes da pesquisa garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio econômico ou financeiro.

A pesquisadora apresentará os resultados da pesquisa aos profissionais das unidades escolares envolvidas e à equipe da Secretaria de Educação, quando da entrega do trabalho final à instituição de ensino ou quando solicitado.

Juiz de Fora, 07 de agosto de 2023.

Nádia de Oliveira Ribas
Secretária de Educação de Juiz de Fora



VERIFICAÇÃO DAS ASSINATURAS



Código para verificação: 07DC-BEAD-B7C4-E8D8

Este documento foi assinado digitalmente pelos seguintes signatários nas datas indicadas:

- ✓ NÁDIA DE OLIVEIRA RIBAS (CPF 810.XXX.XXX-87) em 07/08/2023 15:16:20 (GMT-03:00)
Papel: Parte
Emitido por: Sub-Autoridade Certificadora 1Doc (Assinatura 1Doc)

Para verificar a validade das assinaturas, acesse a Central de Verificação por meio do link:

<https://juizdefora.1doc.com.br/verificacao/07DC-BEAD-B7C4-E8D8>

Convite para participar como voluntário(a) da pesquisa “Interações sociais e profissionais entre professores Surdos e a comunidade escolar”

Nesta pesquisa pretendemos **reconhecer como se estabelecem as relações sociais e profissionais entre docentes Surdos e a comunidade escolar na qual estão inseridos e eles estão realmente incluídos nestes espaços.** <https://youtu.be/goz7TWcXXiw>

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário(a) da pesquisa **“Interações sociais e profissionais entre professores Surdos e a comunidade escolar”** organizado pela pesquisadora Queila Érica Taligliatti de Souza e orientado pela professora Dra. Mylene Cristina Santiago. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é por se tratar de um assunto de grande relevância que não há pesquisas registradas. Nesta pesquisa pretendemos reconhecer como se estabelecem as relações sociais e profissionais entre docentes Surdos e a comunidade escolar na qual estão inseridos e eles estão realmente incluídos nestes espaços. Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: entrevistas a partir da questão chave, pedindo a cada participante que fale sobre ser professores e suas relações no contexto escolar, de forma remota pela plataforma Stream Yard cerca de 40 minutos. Você poderá escolher a língua que deseja utilizar Libras ou Português oral. A participação será gravada pela plataforma com a captação de imagens e sons dos participantes. Os riscos para esse estudo são mínimos e envolvem a integridade psicológica, emocional ou intelectual dos participantes. A fim de amenizar esses riscos serão respeitados os pressupostos éticos de pesquisa, será mantido o sigilo sobre a identificação dos/as participantes e as informações referentes aos/às mesmos/as, com técnicas de anonimato e a possibilidade de interrupção ou cancelamento da participação na pesquisa caso seja solicitado. Após o processo de transcrição da pesquisa, os/as colaboradores/as receberão o material para análise, alterações e sugestões, bem como para autorização do uso da entrevista para a pesquisa em questão. A pesquisa pode ajudar por se tratar de uma pesquisa ainda não registrada de uma temática importante para a comunidade Surda e ouvinte, pois será possível estabelecer novas reflexões sobre os resultados e podendo colaborar a longo prazo com a inclusão dos docentes Surdos. Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade. O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se em forma digital pelo formulário Google, será arquivada pelo pesquisador responsável e você receberá uma cópia por e-mail. Os dados coletados na pesquisa através da gravação de vídeos ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco)

anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa com gravação de vídeo e áudio e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Marcar apenas uma oval.

Aceito

Não aceito

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Libras)



[v=V1R0s2sltpg](https://www.youtube.com/watch?v=V1R0s2sltpg)

<http://youtube.com/watch?>

3. NOME *

NOME



[P_V0o](http://youtube.com/watch?v=atz_HP_V0o)

http://youtube.com/watch?v=atz_HP_V0o

4. Contato (telefone e/ou e-mail):

Contato (telefone e/ou e-mail)



[WMFQle8C0](http://youtube.com/watch?v=a-WMFQle8C0)

<http://youtube.com/watch?v=a-WMFQle8C0>

5. Idade

Idade



[v=hguKNhDSH_M](http://youtube.com/watch?v=hguKNhDSH_M)

<http://youtube.com/watch?>

6. Como se identifica?

Marcar apenas uma oval.

- Surdo sinalizante
- Surdo oralizado
- Deficiente auditivo
- Ouvinte
- Surdo bilíngue (Libras+ Português escrito+ Português oral)
- Surdo bilíngue (Libras+ Português escrito)

Como se identifica?



[v=EEbvSMLqVDE](http://youtube.com/watch?v=EEbvSMLqVDE)

<http://youtube.com/watch?>

7. Qual é a sua Língua de conforto?

Marcar apenas uma oval.

- Libras
- Português
- Outra

Qual é a sua Língua de conforto?



[v=mlxpxpu2cBA](http://youtube.com/watch?v=mlxpxpu2cBA)

<http://youtube.com/watch?>

8. Tem filhos? Se sim, quantos?

Tem filhos? Se sim, quantos?



[v=OQyC3H5kOFY](http://youtube.com/watch?v=OQyC3H5kOFY)

<http://youtube.com/watch?>

9. Como se autodeclara quanto à raça/cor e etnicidade:

Marcar apenas uma oval.

- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena
- Branca

Como se autodeclara quanto à raça/cor e etnicidade:



[M1cgspHA](http://youtube.com/watch?v=Bq-M1cgspHA)

[http://youtube.com/watch?v=Bq-](http://youtube.com/watch?v=Bq-M1cgspHA)

10. Como se autodeclara quanto à sua identidade de gênero?

Marcar apenas uma oval.

- Mulher Cis
- Homem Cis
- Mulher Trans
- Homem Trans
- Travesti
- Não Binarie
- Intersexo
- Prefiro não responder
- Não sei responder
- Outro

Como se autodeclara quanto à sua identidade de gênero?



[v=NcAeCxyumDU](http://youtube.com/watch?v=NcAeCxyumDU)

<http://youtube.com/watch?>

11. Como se autodeclara quanto à sua orientação sexual:

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexuais
- Gays
- Lésbicas
- Assexuais
- Pan/Polissexuais
- Queers
- Prefiro não responder
- Não sei responder
- Outro

Como se autodeclara quanto à sua orientação sexual:



[v=wHIRRhnlCvM](http://youtube.com/watch?v=wHIRRhnlCvM)

<http://youtube.com/watch?>

12. Qual a sua formação?

Qual a sua formação?



[v=fPRsS19etHc](https://www.youtube.com/watch?v=fPRsS19etHc)

<http://youtube.com/watch?>

13. Qual cargo que exerce atualmente?

Qual cargo que exerce atualmente?



[v=2TsUAW5tmjk](https://www.youtube.com/watch?v=2TsUAW5tmjk)

<http://youtube.com/watch?>

14. Quanto tempo de magistério?

Quanto tempo de magistério?



[v=cc3FWPVtKZY](http://youtube.com/watch?v=cc3FWPVtKZY)

<http://youtube.com/watch?>

15. Em qual instituição você atua?

Em qual instituição você atua?



[v=9yNTkPVNwXQ](http://youtube.com/watch?v=9yNTkPVNwXQ)

<http://youtube.com/watch?>

16. Qual a sua disponibilidade para participar das entrevistas de forma remota (dias da semana e horários)

Qual a sua disponibilidade para participar das entrevistas de forma remota (dias da semana e horários)



[kfFxE](#)

<http://youtube.com/watch?v=5yoA9->

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário(a) da pesquisa “**Interações sociais e profissionais entre professores Surdos e a comunidade escolar**” organizado pela pesquisadora Queila Érica Taligliatti de Souza e orientado pela professora Dra. Mylene Cristina Santiago. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é por se tratar de um assunto de grande relevância que não há pesquisas registradas. Nesta pesquisa pretendemos reconhecer como se estabelecem as relações sociais e profissionais entre docentes Surdos e a comunidade escolar na qual estão inseridos e eles estão realmente incluídos nestes espaços, .

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você entrevistas a partir da questão chave, pedindo a cada participante que fale sobre ser professores e suas relações no contexto escolar, de forma remota pela plataforma Stream Yard cerca de 40 minutos. Você poderá escolher a língua que deseja utilizar Libras ou Português oral. A participação será gravada pela plataforma com a captação de imagens e sons dos participantes. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: Os riscos para esse estudo são mínimos e envolvem a integridade psicológica, emocional ou intelectual dos participantes. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, A fim de amenizar esses riscos serão respeitados os pressupostos éticos de pesquisa, será mantido o sigilo sobre a identificação dos/as participantes e as informações referentes aos/às mesmos/as, com técnicas de anonimato e a possibilidade de interrupção ou cancelamento da participação na pesquisa caso seja solicitado. Após o processo de transcrição da pesquisa, os/as colaboradores/as receberão o material para análise, alterações e sugestões, bem como para autorização do uso da entrevista para a pesquisa em questão. A pesquisa pode ajudar por se tratar de uma pesquisa ainda não registrada de uma temática importante para a comunidade Surda e ouvinte, pois será possível estabelecer novas reflexões sobre os resultados e podendo colaborar a longo prazo com a inclusão dos Surdos.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade. O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se em forma digital pelo formulário Google, será arquivada pelo pesquisador responsável e você receberá uma cópia por e-mail. Os dados coletados na pesquisa através da gravação de vídeos ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa com gravação de vídeo e áudio e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 08 de agosto de 2023.

Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável: Queila Érica Taligliatti de Souza
Campus Universitário da UFJF - Juiz de Fora
Faculdade/Departamento/Instituto: Faculdade de Educação/ Departamento de Educação
CEP: 36036-900
Fone: (32) 9848 - 9974
E-mail: queilaerica23@gmail.com

Rubrica do Participante de pesquisa ou responsável: _____
Rubrica do pesquisador: _____

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do Brasil. **Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:**

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propp@ufjf.br